

**P**  
Público



**Estão sem abrigo alguns dos ex-presos que saíram com perdão**

# Vinho sofre quebras de 50% e já antecipa vindima do ano covid-19

Aumento das vendas online não compensa travagem do consumo no pico da crise • Regras da DGS para a reabertura de creches prevêem crianças entregues à porta e dois metros entre berços • Clones sintéticos do SARS-Cov-2 criados para investigação • América Latina pós-covid-19 põe 214 milhões na pobreza

**Destaque, 2 a 13 e Editorial • Acompanhe em [publico.pt/coronavirus](https://publico.pt/coronavirus)**

**Morte no SEF: ucraniano esteve 15 horas manietado**

Enfermeiro que o assistiu seis horas antes de morrer alertou para que o homem fosse levado ao hospital **p20/21**

**Morreu Little Richard, o genial arquitecto do rock'n'roll**

O excêntrico criador de *Tutti-frutti* estabeleceu os alicerces de um novo género musical **p26/27**

**Leonardo Mathias**  
Servidor de Salazar e da democracia

**P2**



**Já se pode ir a banhos no Douro. Poluição recuou a 1985**

Adriano Bordalo e Sá, que estuda o Douro há 35 anos, recebeu nos últimos dias "notícias fantásticas" **p23/23**

# DESTAQUE

## CORONAVÍRUS

# Vinho com quebras de 50% já antecipa vindima do ano covid-19

O aumento das vendas online não vai permitir recuperar a travagem a fundo que o sector vitivinícola enfrentou no pico da crise sanitária. Com as adegas e armazéns cheios, os produtores preocupam-se também com a próxima vindima

Luísa Pinto

No dia 2 de Março registaram-se os primeiros casos confirmados de covid-19 em Portugal. No dia seguinte, e duas semanas mais cedo do que o normal, começou o florescimento das vinhas em algumas das quintas da The Fladgate Partnership, no Douro. Pela média dos últimos 18 anos, os primeiros rebentamentos nas vinhas surgiam a 15 de Março, e as vindimas arrancavam a 31 de Agosto. “Este ano, começou a 3 de Março, também deveremos ter de antecipar a vindima”, afirma Adrian Bridge, presidente executivo (CEO) da empresa que gere as marcas como a Taylor’s, Fonseca ou a Croft. Isso deixa o sector a menos de quatro meses da campanha, numa altura em que o

pico da crise sanitária parece estar ultrapassado, mas ainda se está a tentar perceber como lidar com as consequências económicas e sociais desta pandemia.

Portugal continua no topo dos países que mais consomem vinho *per capita* no mundo (56,4 litros ano por habitante), mas a sustentabilidade da sua indústria depende fortemente das exportações. E quando a Ásia já sentia grandemente o efeito-covid, as exportações portuguesas encontraram uma oportunidade dos Estados Unidos e Canadá, onde um crescimento de 15% ajudou a mitigar o arrefecimento que se começou a sentir também na Europa. Faltam começar a chegar as estatísticas de Março e Abril para perceber o real impacto. Os inquéritos à actividade do sector revelaram que na terceira semana de Março apenas 21% das empresas sentiam uma grande quebra. Mas entre



**É mesmo importante que os produtores percebam que vale a pena continuar a investir e não atirem a toalha ao chão**

Rui Soares  
Presidente da Prodouro

a terceira semana de Março e a segunda de Abril, a queda de actividade foi maior. “Na segunda semana de Abril, todas as empresas tinham sentido uma grande quebra de actividade, na ordem dos 50%”, diz ao PÚBLICO Jorge Monteiro, presidente da ViniPortugal.

E é neste contexto que as empresas se estão a preparar para a vindima, enfrentando desafios como a necessidade de distanciamento social e a impossibilidade de tirar pessoas do lagar nas pisas. “Vamos ter de avançar para a mecanização”, admite Adrian Bridge. O CEO da Fladgate diz que, climaticamente, o ano de 2020 está a ser muito parecido com o de 2016, ano em que o grupo teve de fazer nove tratamentos às videiras, para evitar doenças como o míldio.

A preocupação do grupo The Fladgate é que à pandemia de covid

não se venha a juntar uma pandemia de doenças na vinha causada pelo facto de os lavradores não fazerem os tratamentos adequados. “E se uma quinta não o fizer, terá na sua vinha um viveiro de doenças que rapidamente se alastrará a toda a região”, argumenta Bridge, defendendo, por isso, a proposta que a Prodouro – a Associação de Produtores do Douro – apresentou preconizando uma medida usada em 1945, no pós-guerra mundial: o chamado “benefício de bloqueio”, que permita ao sector assegurar o mesmo nível de produção de uvas para vinho do Porto.

O benefício é o valor dado aos viticultores pela Autorização de Produção de Mosto Generoso. E é também a principal fonte de rendimento dos viticultores durienses, sendo que os pequenos produtores se queixam, há já muito tempo, de que o valor



ADRIANO MIRANDA



## Apesar do aumento de vendas online, sector do vinho enfrenta dias difíceis

mercado para adquirir *stocks* com vista à aquisição de excedentes e manutenção de preços de aquisição de uvas e respectivo benefício.

Guilherme Igrejas, presidente do IVDP, diz que é “urgentíssimo” a região definir uma estratégia para mitigar os problemas trazidos pela pandemia. Não se comprometendo com nenhuma das soluções que estão a ser discutidas, e como defende que se devem articular os interesses das duas profissões, Igrejas limitou-se a dizer que “é importante manter a estratégia que tem permitido alcançar bons indicadores quer em valor, quer em quantidade vendida”. “O mais importante agora é definir a estratégia que vai garantir aos produtores que vamos promover ainda mais e melhor os vinhos do Douro e do Porto”, argumentou.

### Contrato de vindima

O caso da região do Douro é particular, não só porque tem duas regiões demarcadas nas suas fronteiras, mas também porque tem um dos menores índices de produtividade por hectare, fruto da orografia desafiadora da região. Mas há preocupações que não serão exclusivas do Douro, como a dificuldade em garantir mão-de-obra para a campanha de vindimas, ou o receio de que haja cortes no programa Vitis, que financia a reestruturação das vinhas e cujo prazo para análise das candidaturas foi prolongada até 30 de Abril. Só depois disso é que se conhecerão os investimentos propostos. Mas a convicção do sector é que a linha de 50 milhões de euros foi amplamente esgotada nas candidaturas apresentadas.

Para superar as dificuldades de mão-de-obra, a Prodouro propõe a admissão de um novo contrato de vindima, com características que se somam ao já existente contrato de muito curta duração. “Sabemos que o facto de alguém receber prestações sociais o inibe de fazer uma campanha de vindimas, com medo de as perder. O que propomos é que possa assinar esse contrato, acumulando com as prestações”, explica Rui Soares.

O receio de que os apoios previstos no programa Vitis acabem desviados para financiar os apoios à destilação, já autorizados pela União Europeia, também está entre as principais preocupações dos produ-

tores de vinho verde. Bruxelas considerou ser necessário retirar do mercado “uma parte do vinho que não está a ser comercializado e que não pode ser armazenado”, por isso autorizou que a destilação destinada ao fabrico de desinfetantes ou fármacos seja elegível para as verbas atribuídas “no âmbito dos programas de apoio” ao sector. “Mas tomar essas decisões sem aumentar o envelope financeiro obriga a que os países tenham de fazer cortes nos seus programas nacionais. E isso não é aceitável neste momento. Não podemos sacrificar o Vitis”, afirmou Manuel Pinheiro, presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Nem o Vitis, nem os apoios à promoção externa do vinho português, como defende Jorge Monteiro, presidente da ViniPortugal. “A minha preocupação é que os apoios para a promoção que não forem utilizados por causa da pandemia não sejam subtraídos ao orçamento do próximo ano, mas antes se juntem a ele. Porque vamos ter de fazer um esforço sério de promoção”, argumenta Jorge Monteiro.

### Fundos extraordinários

Em resposta a questões colocadas pelo PÚBLICO, o gabinete da Ministra da Agricultura deu a entender que as possibilidades ainda não estão fechadas e que Portugal continua, junto da Comissão e nos vários fóruns da União Europeia, a “requerer fundos comunitários extraordinários para medidas excepcionais que venham a ser necessárias”.

Mas apesar de admitir ajustes ao Plano Nacional de Apoio (PNA) ao sector do vinho – “é um instrumento financeiro que poderá ter de ser ajustado, como o tem sido todos os anos, face à dinâmica do sector” – o Ministério da Agricultura garante que nunca deixará pôr em causa a sua estratégia, “que tão bons resultados tem dado nas exportações e na nossa estrutura produtiva”. “Mas, perante circunstâncias excepcionais como as presentes, podemos ter de adoptar, em concertação com os agentes económicos e entidades com que estamos em diálogo permanente, uma diferente geometria de distribuição de verbas”.

[luisa.pinto@publico.pt](mailto:luisa.pinto@publico.pt)

que recebem não suporta sequer os custos fixos da manutenção das vinhas. O valor do benefício atribuído a cada pipa é definido em conselho interprofissional, com o Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP) e ainda com os representantes do comércio e da lavoura – no ano de 2019 foram autorizadas 110 mil pipas. Com a quebra de encomendas que o sector de vinho do Porto já está a enfrentar por causa da pandemia, teme-se que haja essa descida vinçada de benefício.

### “Benefício de bloqueio”

Rui Soares, presidente da Prodouro, diz que vai ser difícil não chegar ao fim do ano com quebras de receita na ordem dos 20% a 30 %, e percebe que seja uma perda difícil de acomodar em muitas empresas. Mas diz que só tem recebido reacções positivas à proposta do “benefício de blo-

queio”, sabendo que ela obriga a uma união tanto de produtores como do comércio. “É mesmo importante que os produtores percebam que vale a pena continuar a investir e não atirem a toalha ao chão”, sublinhando que, se for garantida a produção de uvas para benefício, também se está a salvar a descida de preço a pagar pelas uvas para os vinhos DOC Douro.

A iminência de entrar numa nova campanha de vindima com um eventual “benefício” quase nulo também levou a Federação Renovação do Douro/Casa do Douro, que é quem apresenta os produtores no conselho interprofissional, a apresentar uma série de reivindicações ao Ministério da Agricultura, entre elas a criação de um fundo com a participação da produção e do comércio, regulação do IVDP e com o apoio financeiro do Estado, “no sentido de intervir no



**O mais importante agora é definir a estratégia que vai garantir aos produtores que vamos promover ainda mais e melhor os vinhos**

**Guilherme Igrejas**  
Presidente do IVDP

## DESTAQUE

## CORONAVÍRUS

# Estão sem abrigo algumas das pessoas que saíram da prisão

Associação encontrou a viver na rua pessoas que acabaram de sair da prisão. Só 45 dos 1222 libertados por perdão disseram precisar de apoio, mas outras estão a aparecer como sem-abrigo

**Reportagem**  
Ana Cristina Pereira

**A**lgo novo intriga Filipe Gaspar nas rondas da Saber Compreender pelos sítios das drogas do Porto. “Há sempre malta que está na rua e esteve na prisão, mas não me lembro de ver tantos casos do tipo ‘saí ontem’.” Todas as semanas lhe aparece um novo.

Numa ronda, encontrou um rapaz, na Praça da Batalha, ainda bem nutrido, limpo, a dormir por favor em casa de uma amiga. Dias depois, tornou a vê-lo já mais abatido, a dormir na rua, perto do Teatro Nacional São João. Na semana seguinte, uma mulher, no Bairro do Viso, a chorar, a dizer que não queria voltar à velha vida. Na outra semana, um homem, também no Viso, com residência na Covilhã, incapaz de prosseguir.

O primeiro, Vítor, vai aparecendo, ronda após ronda, ora num sítio, ora noutra. Desta vez, o homem de 40 anos está na Rua de Mouzinho da Silveira, perto da Rua Escura, ponto de venda de drogas do Bairro da Sé. E Filipe nota que está mais magro, mais sujo, mais baralhado. Recaiu.

Vítor não se lembra de lhe terem perguntado na prisão se tinha um sítio para pousar a cabeça, nem lhe parece que tal fizesse sentido. “Se não, o quê? As pessoas que não tinham casa não tinham direito à liberdade? Os juizes não têm culpa das pessoas não terem casa. Eles deram o perdão para as pessoas

saírem e para haver mais espaço nas cadeias. Outros têm de fazer o trabalho deles. Para que serve a Segurança Social?”

## Só 45 em 1222

Os 1253 reclusos que beneficiaram da saída administrativa extraordinária de 45 dias prorrogáveis tinham de ter uma casa, até porque saíam com a obrigação de lá permanecer, sob vigilância da reinserção social e das polícias. Os 1222 libertados por perdão, não. Mas não era expectável que ficassem sem abrigo.

Ao que diz o gabinete da ministra da Justiça, Francisca van Dunem, apenas 45 informaram não ter para onde ir. Nesse grupo, “seis recusaram apoio e não voltaram a estabelecer contacto com os serviços da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais [DGRSP] e nove foram para os *bungalows* de Monsanto, num projecto apoiado pela Associação O Companheiro, onde ainda permanecem”. Para os restantes, procurou-se articular uma resposta com a Segurança Social e outras entidades, a maior parte de algum Núcleo de Planeamento de Intervenção em Sem-Abrigo (NPISA).

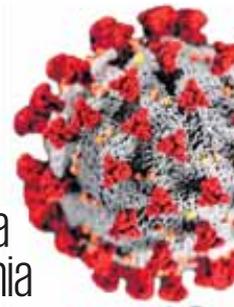
O coordenador da Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem Abrigo, Henrique Joaquim, confirma que tem “estado em contacto muito frequente com a DGRSP”. Facultou acesso aos NPISA que existem de norte a sul. “Os NPISA foram prevenidos com o objectivo de

estarem preparados e poderem acolher cidadãos que, apesar deste procedimento, ficassem em situação de sem-abrigo”, afirma. “Foram reportadas algumas situações, que ainda não é possível quantificar com rigor”, sobretudo, em Lisboa e Porto.

Segundo o gabinete da Van Dunem, nas prisões da área do Porto, havia sete referenciados. Dois recusaram apoio, dois ainda aguardam solução, os outros “tiveram respostas das instituições”. Admite-se que outros precisem de ajuda. “Em Lisboa, as instituições asseguraram o apoio a 40 pessoas, número muito superior ao total das que declararam não ter apoio familiar ou institucional”.

Nas últimas semanas, ao serviço de acção social têm chegado dois tipos de recém-saídos da prisão: os que não tinham para onde ir e nada disseram no estabelecimento prisional, como Vítor, e os que pensavam que tinham para onde ir e, afinal, não tinham, como um homem que vivera numa instituição antes de ser detido e estava convencido de que podia voltar para lá. Teve de esperar por uma vaga no Centro de Acolhimento de Emergência Covid-19, no antigo Hospital de Joaquim Urbano, uma estrutura da Câmara do Porto, coordenada pela Ordem de Malta.

O levantamento feito no ano passado dava conta de 140 pessoas sem tecto, muitas como que presas às ruas do Porto. No final de Março, houve uma operação de resgate que se estendeu por vários dias. Entraram mais de 30 pessoas no



Diário da  
pandemia

## Semana “encorajadora”

A ministra da Saúde considerou ontem que a primeira semana de desconfinamento “é encorajadora”, dados os comportamentos registados, mas frisou a necessidade de preservar “regras distintas” para haver uma retoma gradual à “normalidade possível”.



Os voluntários da Saber Compreender apostam no estabelecimento de...



**As pessoas que não tinham casa não tinham direito à liberdade? Os juizes não têm culpa das pessoas não terem casa**

**Vítor**  
Ex-recluso

Centro de Acolhimento de Emergência Covid-19. Iniciaram uma quarentena de 14 dias. Alguns dos que entraram quiseram sair no dia seguinte ou volvido um par de dias. Os que aguentaram os 14 dias foram sendo distribuídos por outras estruturas, que se pressupõem livres do vírus SARS-Cov-2. Entretanto, outros vão sendo sensibilizados. No final de Abril, nova operação de resgate.

À partida, quem acabou de sair da cadeia não faz parte das prioridades. Entra conforme vai havendo lugar. Até lá, a Acção Social pode pagar um quarto. E é isso que Vítor diz que deseja. Foi sinalizado pela Saber Compreender à Segurança Social, mas ainda não foi lá. Nem apareceu no Joaquim Urbano, como combinara com um dos voluntários da associação. A

**Subida de 0,5%**

O número de pessoas infectadas pela covid-19 em Portugal é agora de 27.406, mais 138 do que no último boletim epidemiológico da Direção-Geral da Saúde, o que representa uma subida de 0,5%. Há 815 pessoas hospitalizadas, 120 das quais nos cuidados intensivos.

**Situação em Portugal**

Em 9 Maio às 13h00



Fonte: DGS

Casos confirmados **27.406** Novos casos **138**

PAULO PIMENTA

para a Saber Compreender distribuir pelos sítios mais esconso da cidade. “É um misto de sentimentos”, confessa a chefe Isabel Soares. “Acho que qualquer coisa que fazemos é muito, mas é muito pouco.”

A equipa entra pelas traseiras da escola. Desta vez, Cristian Georgescu, Filipe Gaspar, Alexandra Fiães, Rui Salvador e Isaque Palmas vão na carrinha emprestada pela companhia Teatro Art’Imagem. Todos protegidos com viseira, máscara, corta-vento, colete reflector, luvas e boa disposição.

**O mapa das drogas**

É como se pegassem no mapa das drogas do Porto. Começam no Cerco, na zona Oriental da cidade. Param na rotunda, perto de uma casa devoluta usada para consumir. “O que é que eu queria?”, lança um homem numa cadeira de rodas. “Dar um caneco, cair, abrir a cabeça, atirar a culpa à ‘branca’ e deixar de fumar. É a única coisa que eu preciso de largar. Larguei o pó, larguei a meta. Isto nem ‘branca’ é. É ‘branca’, não é coca!”

Acodem aquela pessoa e outras, inclusive a uma mulher com duas crianças, e logo seguem para a antiga Escola Preparatória do Cerco, onde um homem pernoita e muitos outros fazem o seu consumo. “Está tudo igual a antes disto acontecer”, afirma um jovem. “Pensava que ia haver mais dificuldade em arranjar produto por causa da covid. Eu não noto diferenças. Continua a chegar a todo o lado.”

A equipa atravessa a cidade, em direcção ao Bairro de Francos, já na zona Ocidental. “As ajudas estão a ser escassas”, comenta um consumidor que se dedica a arrumar carros, agradecido pela comida que lhe entregam, bem embalada, ainda quente, com talheres e guardanapo. “As pessoas já tinham medo que a gente se aproximasse e agora muito mais medo têm, porque nós somos da rua.”

Cristian, Alexandra, Rui e Isaque desdobram-se para saudar, servir e confortar quem chega – consumidores com frágeis esquemas de sobrevivência, mas também pessoas apanhadas pelo desemprego, como um homem

**Regresso das visitas aos lares**

O Governo apresenta até ao final da semana as novas regras para o regresso das visitas a lares de idosos e a unidades de cuidados de saúde, entre outros. A covid-19 já provocou, em Portugal, 450 mortes em lares. As visitas estão suspensas desde Março.



“Senhor Ernesto, quer comer?”  
“Vocês vão ali abaixo, não vão? Eu já vos apanho lá...”

Ali abaixo é o Bairro da Pasteleira, um vê-se-te-avias deste que o Aleixo foi abaixo. Há quem faça vida na mata, numa espécie de vala. E, mais abaixo, já no Bairro de Pinheiro Torres, não cessa o rodopio. Chegam a pé, de bicicleta, de moto, de carro. Há sempre gente a vender, a “capear”, isto é, a chamar clientela para o seu traficante, a comprar. A comida é bem-vinda. A fila, torta. As conversas, poucas. Qualquer coisa pode gerar suspeita.

A Saber Compreender ainda passa pelos escombros do Aleixo, pela Ponte da Arrábida, onde outro “cliente” espera, um homem que dorme na berma, e pelo Campo Alegre, onde outro montou uma barraca, até parar junto ao fontanário da Rua de Mouzinho da Silveira, onde várias pessoas ergueram tendas. Fernanda, a ex-reclusa que fez Filipe perder o sono, está lá atrás, na Rua Escura. E Vítor não tarda a reaparecer.

Não é que não tenha família: “Eu tenho família, mas... tantos anos que estive preso... Se calhar, se batesse à porta, não sei se... Há familiares que não quero estar a... Falei com um ou outro. Ainda me deram um dinheirito para os primeiros dias. ‘Arranja uma pensãozita, vai à Segurança Social’. Não fiquei em casa deles. Estou a sair de uma cadeia... Também é melhor para mim arranjar um sítio. Estive tanto tempo fora.”

Por estes dias, muitos voluntários começam a voltar a percorrer as ruas da cidade. Na próxima semana, a Saber Compreender perceberá se já poderá retomar a sua ronda semanal com merenda, porventura produzida pela Escola de Hotelaria e Turismo do Porto, que está disponível até final de Julho para colaborar. Para evitar sobreposições, as refeições quentes poderão passar a ser distribuídas por outra organização. Para prosseguir a sua missão, a Saber Compreender está a angariar material de protecção individual, produtos de higiene, bebidas individuais, embalagens descartáveis...

acpereira@publico.pt



relações de confiança com a população que auxiliam

vontade também se trabalha. E o propósito da Saber Compreender é precisamente dar uma palavrinha, estabelecer uma relação de confiança, incentivando a sair da rua, articulando com os serviços, encaminhando para o sítio certo, insistindo, se for caso disso.

**Com a Escola de Hotelaria**

A pandemia de covid-19 fez recuar os voluntários que prestam apoio alimentar na cidade, reduzindo as 22 equipas a quatro. O grupo, que também tinha recuado, procurou regressar levando mais do que os materiais de higiene e as merendas que normalmente lhe servem de pretexto para meter conversa. “Estivemos a pensar em conjunto”, diz Cristian Georgescu, que trabalha na Associação de Albergues Nocturnos do Porto e faz

voluntariado na Saber Compreender, a que também preside. Lançaram uma campanha para adquirir máscaras, viseiras, luvas, álcool gel e embalagens descartáveis. E Filipe Gaspar, que é actor e ensina Artes na Escola de Hotelaria e Turismo do Porto, desafiou o seu director, Paulo Vaz. “Queríamos ajudar e percebemos que podíamos. Podíamos orientar matéria-prima que estava prevista para alunos e colaboradores”, explicou Vaz. “O que fizemos foi reorientar o consumidor final das refeições e solicitar o apoio de colaboradores internos.” Formaram-se duas equipas de quatro elementos que se revezam para fazer 250 refeições a cada terça e quinta-feira – 100 para distribuir na Porta Solidária, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, e 150



**Acho que qualquer coisa que fazemos é muito, mas é muito pouco**

**Isabel Soares**  
Voluntária

um homem que parece morto. No fundo, outros homens sentados ou de pé, entretidos no ritual do consumo. Dali, a equipa segue para a Ponte de Grijó. Debaixo dela, descendo por um carreiro, outro frio e fétido sítio das drogas, um quadro de tendas, invólucros de seringas e excrementos.

“Olá! Vimos trazer uma refeiçãozinha quente. Uma massinha, uma sopinha, uma banana. Alguém é servido?”, pergunta Rui Salvador, educador de pares que trabalha no Giro Gaia, equipa de rua da Agência Piaget para o Desenvolvimento, e faz voluntariado na Saber Compreender.

“Por mim não quero, obrigadinha”, responde um homem. Hoje vou jantar a casa. Vá ali ao senhor Ernesto.”

## DESTAQUE

## CORONAVÍRUS

## Creches: crianças deixadas à porta e dois metros entre berços

Natália Faria

**Brinquedos de casa são proibidos e as crianças deverão descalçar-se à entrada da sala, quando as creches reabrirem, dia 18**

Com os testes para rastreio do coronavírus aos trabalhadores das creches a decorrer desde há alguns dias, o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social promete divulgar até amanhã um guia, que está ainda a ser ultimado pela Direcção-Geral da Saúde (DGS), sobre os procedimentos a adoptar para minimizar o risco de propagação do vírus. Mas, pesem embora as dúvidas que subsistem, a sessão que o ministério promoveu sexta-feira com os parceiros do sector permitiu antever como será o dia-a-dia nas instituições para crianças até aos três anos: dois metros de distância entre berços e espreguiçadeiras, janelas abertas sempre que possível, fim da partilha de brinquedos, mesas dispostas em fila, uso obrigatório de máscara cirúrgica para os educadores, dispensadores de desinfetante em cada sala e um plano de contingência que acauetele a substituição de trabalhadores e a existência de um local de isolamento e de circuitos específicos, no caso de ser detectado um caso suspeito.

“Sabemos que as creches e as amas são locais potenciais de transmissão porque os meninos não têm consciência de que podem transmitir a doença, querem abraçar-se e beijar-se. Cabe aos adultos passar-lhes esse conhecimento”, exortou Benvinda Santos, directora dos serviços de prevenção da doença da DGS. Numa tentativa de responder aos medos instalados, a directora-geral da Saúde, Graça Freitas, lembrou que a reabertura das creches é fundamental “porque vai permitir que parte da população retome a sua vida laboral”. “Há



**Crianças deverão ter calçado só para uso dentro da creche**

uma dose de pragmatismo que é necessário ter, sob pena de paralisarmos”, declarou. “Cerca de 99% ou 98% da população portuguesa, quando acabar esta primeira ‘onda, não vai ter imunidade e, portanto, vamos estar tão desprotegidos como estávamos no início. E, enquanto não estivermos imunizados, vamos ter de aprender uma nova forma de conduta. Temos de nos treinar para isso e vamos cometer alguns erros”, acrescentou, apesar de, até ao dia 31, os pais poderem optar por continuar em casa com direito a 66% do salário.

Além do uso obrigatório de máscaras cirúrgicas pelos educadores, o guia sugere o uso de toalhetes descartáveis nos sanitários. Cada sala deverá ter um dispensador de desinfetante. Sempre que possível, deve ser preservada uma distância de dois metros entre crianças, sabendo-se, à partida, que nem sempre será. Questionada sobre que sintomas poderão justificar a recusa de acolhimento de uma criança, Graça Freitas adiantou que, a par da febre e da tosse, “há que considerar as diarreias e as questões gastrointestinais”. Quanto à entrega e recolha das crianças, deve ser feita “individualmente e à porta”. Os espaços alheios à actividade educativa devem, à excepção da cantina, ficar fechados. Os pais devem levar calça-

do alternativo para que as crianças possam, à chegada, descalçar o que levam da rua. As portas devem ficar abertas para “evitar o toque frequente das superfícies”. “Há que evitar a partilha de objectos e os meninos não devem levar brinquedos de casa”, precisou Benvinda Santos, recomendando que haja uma espreguiçadeira por bebé e que seja desligado o ar condicionado. Para já, as AEC asseguradas por profissionais externos à instituição são desaconselhadas.

Mas muitas dúvidas ficam ainda por esclarecer. As educadoras poderão usar viseiras em vez de máscaras para que as crianças as reconheçam? As idas à praia vão poder manter-se? “Estamos ainda a estudar as boas práticas em relação à praia”, disse Graça Freitas, prometendo consultar os pediatras da DSG quanto à questão de os bebés poderem recusar o colo de uma educadora que deixaram de reconhecer por causa da máscara. “A orientação da DGS não é um documento que vá ficar gravado na pedra. É para ser melhorado e acrescentado”, justificou, sendo que o MTSSS criou um endereço de *email* (*reiniciar.creches@mtsss.gov.pt*) para responder às questões práticas das instituições.

[nfaria@publico.pt](mailto:nfaria@publico.pt)

DIÁRIO DA QUARENTENA, 54

## A vida em pausa



Marta Parada Carvalho

Faz hoje uma semana que a escola reabriu na Noruega, depois do *lockdown* anunciado a 12 de Março de 2020. Mas não para os adolescentes. Mas não para esta adolescente que tenho em casa.

Para ela, os dias continuam iguais desde há sete semanas. Ela continua a acordar cedo, a conectar-se à hora marcada no Teams, a escrever textos e apresentações, a aceitar ajudar os irmãos mais novos quando os pais têm que trabalhar, a lembrar aos amigos do Snapchat que por mais que custe temos que levar a situação a sério, a fazer *pizza* e bolo para todos... porque diz que cozinhar a faz sentir bem, a pôr saquinhos de bolos à porta das amigas, a falar com os avós que moram longe, a amar os miúdos mais giros dos filmes... e, se calhar, em segredo, um do outro lado do Teams...

Volto ao tempo em que tinha a idade dela e sinto uma vontade tamanha de dar voz a todos os jovens, num tempo em que o seu esforço tem tanto de generoso como de cruel.

Há uma semana, o ministro da Saúde norueguês, Bent Høie, fez um discurso dirigido aos jovens que me tocou profundamente. Enviei-o logo à minha filha, que me respondeu com vários emoji-coração.

No dia seguinte, as redes sociais e os jornais exaltavam o discurso e davam um *feedback* agradecido: “Obrigada, Bent Høie. Obrigada por nos mencionares. Obrigada por nos veres. Obrigada por nos

compreenderes. Obrigada por nos dares valor.”

Publiquei-o na minha página do Facebook, traduzido para inglês, mas curiosamente só suscitou o interesse de meia dúzia de amigos, a contrastar com os cem que gostaram do pôr do Sol da minha cidade. Este facto inquietou-me. E sem querer plagiar o que Bent Høie escreveu, ou outra qualquer pretensão, gostaria muito de me solidarizar publicamente com a sua emoção e empatia, e alargar o alvo também aos jovens do meu país e de todo o mundo.

Gostaria de vos agradecer, a vocês, jovens de Portugal e de todo o mundo, por aceitarem adiar, por tempo indeterminado, o primeiro beijo, os passeios com os amigos pelas ruas da cidade, os exames que vos tornavam mais próximos dos vossos objectivos, a viagem de estudo planeada há meses, os namoros de mãos dadas, o coração aos pulos antes daquele primeiro encontro, o filme com pipocas e a sala cheia de sacos-cama, os aniversários cheios de abraços com sabor a bolo de cenoura, os abraços das vitórias e das derrotas nos torneios para os quais treinaram o ano inteiro, as saídas à noite. Para alguns, as primeiras férias de Verão. Estas férias de Verão!

Obrigada do fundo do coração, queridos adolescentes, mulheres e homens do nosso futuro, por aceitarem confiar nos adultos. Por aceitarem pôr os vossos sonhos em *stand-by* e acreditarem que esse gesto pode ajudar outros a viver. Por colocarem a vossa vida em pausa, quando o vosso coração vos manda conquistar o Mundo!

Eu, adulta, em tempos também adolescente, agradeço-vos pela vossa imensa resiliência e resistência. E sei que o país e o Mundo vos agradecem. Um dia também a vossa história será contada.

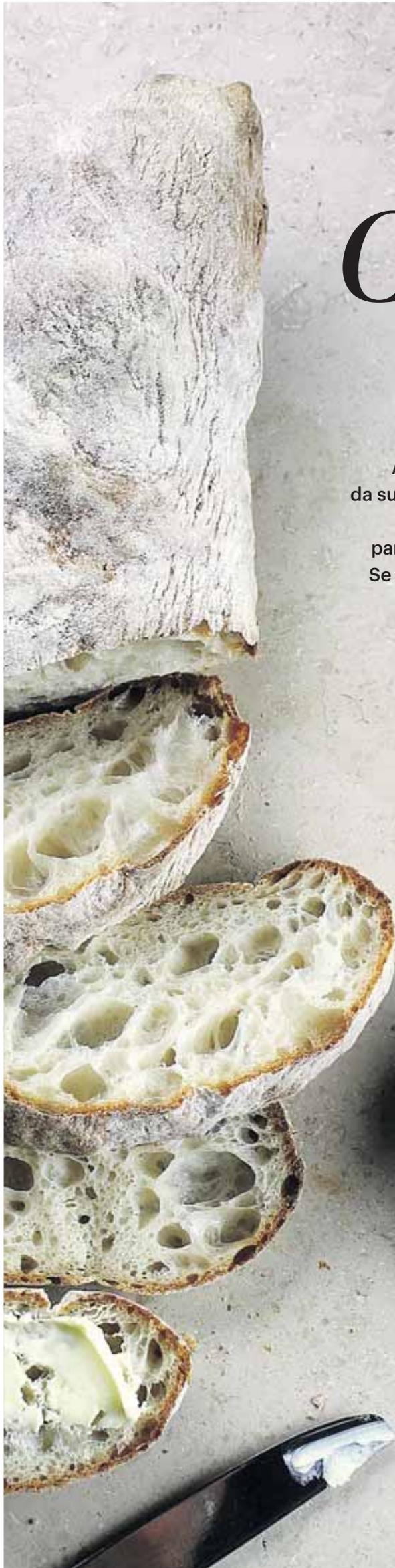
**Médica na Noruega**

PEQUENO-ALMOÇO & JORNAL

# Combinação imbatível

Apesar das contrariedades do momento, o PÚBLICO não abriu mão da sua edição impressa. Perante o encerramento de muitos pontos de venda por força das circunstâncias, estamos a fazer todos os esforços para continuarmos a chegar às mãos de quem prefere ler-nos em papel. Se vive na Grande Lisboa, encontrará agora o seu jornal de todos os dias à venda nas lojas **A Padaria Portuguesa**

SAIBA ONDE EM  
[apadariaportuguesa.pt](http://apadariaportuguesa.pt)



## DESTAQUE

## CORONAVÍRUS

# “É um erro dizer que, se isto correr mal, volta tudo para trás”

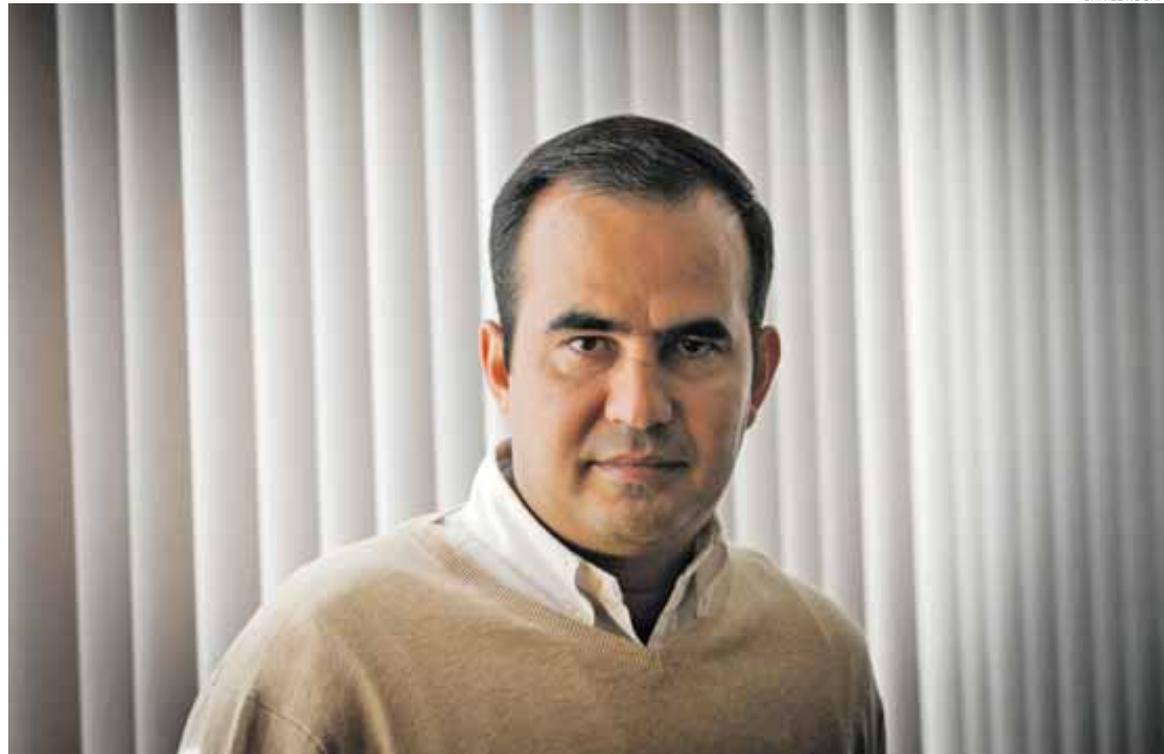
**Pedro Afonso** Governo deve transmitir uma mensagem de confiança porque as pessoas “estão muito assustadas”: “Tem que ser restaurada para que as pessoas voltem aos cafés, ao pequeno comércio”

## Entrevista Alexandra Campos

“**H**á mais vida para além do confinamento”, sublinha Pedro Afonso, psiquiatra e professor auxiliar na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, que defende que os mais idosos sejam “novamente visitados e amparados do ponto de vista emocional”, adoptando medidas de protecção. “É preferível ver os netos a dois metros com uma barreira de acrílico do que não os ver ou vê-los por WhatsApp”, diz. O médico avisa que o stress crónico em que vivemos vai continuar e que agora vamos confrontar-nos com o aumento do risco para doenças psiquiátricas, em particular a depressão, devido ao desemprego e ao empobrecimento económico. **Escreveu na Acta Médica que estudos sobre o impacto de quarentenas de grupos pequenos e por períodos curtos indicam que estas provocam consequências a longo prazo. Três anos depois, verificou-se um aumento do risco de abuso de álcool, de sintomas de**

**perturbação de stress pós-traumático e de depressão. A pandemia de covid-19 vai provocar um aumento de doenças psiquiátricas no longo prazo?**

Há vários estudos com grupos de pessoas que foram sujeitas a quarentenas durante [as epidemias] de SARS-Cov-1, MERS-Cov, H1N1 [gripe A] e ébola. A perturbação do stress pós-traumático está habitualmente associada a estes períodos de isolamento, tal como as perturbações depressivas. Mas a dimensão destas quarentenas não se compara, porque nestes casos estavam em causa apenas centenas de pessoas. Neste momento, uma parte substancial da população mundial está em confinamento. O que posso dizer é que, durante o confinamento, a psicopatologia verificada – e falo pelos meus doentes – corresponde aos dados da literatura. Há um aumento dos níveis de ansiedade, de períodos de irritabilidade e de comportamentos de alguma agressividade que se repercutem no aumento dos conflitos interpessoais, o que pode dar origem a casos de violência doméstica e, eventualmente, a divórcios. Se as relações já estão instáveis e fragilizadas, com esta circunstância pior ficam. Também



DANIEL ROCHA

têm sido reportadas noutros estudos alterações do sono, insónia. **Por que é que isto acontece numa altura em que as pessoas estão em casa?**

Porque se perdem pistas socioprofissionais que são muito importantes na regulação circadiana do sono-vigília. Quando trabalhamos, temos uma hora para acordar, para entrar no trabalho, para almoçar, temos que cumprir horários. A segunda razão tem a ver com o aumento da ansiedade – o sono fica prejudicado, há dificuldade em adormecer e os despertares nocturnos aumentam. A diminuição da actividade física é outro motivo porque a actividade física é importante para favorecer o sono, nomeadamente, o profundo. Há muita gente que habitualmente dormia bem que está a queixar-se deste problema. Mas o maior factor perturbador com que agora nos vamos confrontar é o aumento do risco para doenças psiquiátricas, em particular a depressão, devido ao desemprego e ao empobrecimento económico. Há uma associação clara entre o nível de desemprego e o aumento dos casos de depressão. **Quem é que está, actualmente, em maior risco de sofrer de problemas de saúde mental?** Um dos grupos é o dos profissionais



**Há mais vida para além do confinamento. (...) É preferível ver os netos a dois metros com uma barreira de acrílico do que não os ver ou vê-los por WhatsApp**

de saúde. Imagine o que é trabalhar num hospital e os doentes estarem constantemente a morrer. Isto também acontece com as pessoas que sobreviveram depois de terem estado internadas em unidades de cuidados intensivos e que tiveram experiências traumáticas. Depois, há factores de risco após o confinamento [que afectam toda a população], porque o stress vai continuar. Nós estamos todos a viver uma situação de stress crónico

### Escolas contra exames

O Agrupamento de Escolas Romeu Correia, em Almada, pediu ontem ao Ministério da Educação que cancele os exames do ensino secundário, sugerindo que o executivo considere provas de anos anteriores como nova forma de os alunos acederem ao superior.

porque subsiste o medo de ser infectado, de infectar os outros, o que gera também um sentimento de culpa. Mas há outros medos que são factores de stress: o estigma social, a discriminação associada a quem já teve covid. Lembre-se do que aconteceu com a sida. Há ainda um quarto medo, que é o medo da morte.

**A forma como está a ser feito o luto das pessoas que morrem durante este período da pandemia também pode originar problemas de saúde mental?**

Sim, outro risco que tem sido pouco abordado é o do luto patológico. As cerimónias fúnebres estão reduzidas a pouquíssimas pessoas e isto é complicado porque o luto é feito em grupo, em comunidade, com os amigos, com a família. Há um consolo colectivo que praticamente desapareceu. Mas mais grave é o luto patológico daqueles que nem sequer se puderam despedir dos seus mortos. Nunca mais me consigo esquecer de um relato de um colega: uma senhora vivia com o marido idoso, ele adoeceu, ficou com febre, foi para o hospital e, passados uns dias, comunicaram-lhe que ele morreu e ela não se pode despedir. O caixão foi selado e ele foi cremado. E ela

**Funeral na origem de nove casos**

As autoridades francesas anunciaram ontem que o funeral de um cidadão português de 51 anos na região da Dordonha já originou nove casos de covid-19 na zona e obrigou a que 127 pessoas fossem testadas.

25

**é o número de dias que a Madeira já leva sem registar novos casos de covid-19**

**GNR inicia Fátima em Casa**

A GNR iniciou às 9h de ontem a *Operação Fátima em Casa*, que se prolongará até quarta-feira, com o objetivo de impedir o acesso de peregrinos ao santuário. Os acessos da A1 a Fátima, por exemplo, estão a ser controlados.

**Avante! com a DGS**

A ministra da Saúde garantiu que a Direção-Geral da Saúde definirá “oportunamente” regras para a Festa do *Avante!*, que se realiza em Setembro, reforçando que esta “é uma actividade política dos partidos, e isso não está limitado”.

dizia, num pranto: “Levaram o meu marido e eu nunca mais o vi!” É um luto semelhante àqueles casos em que as pessoas desaparecerem e nunca mais são encontradas. Não há corpo.

**Vamos continuar a viver com medo?**

Vamos gradualmente perdendo o medo. Temos que normalizar gradualmente a nossa vida, fazendo aquilo que racionalmente podemos fazer [para nos protegermos]. Acho que é pedagógico comparar com o que aconteceu, por exemplo, com os atentados do 11 de Setembro. Muitas pessoas passaram a ter medo de andar de avião. Depois foram decretadas medidas de segurança que eram uma chatice, mas a que

nos habituámos. É um fenómeno de adaptação. O medo vai-se gradualmente dissipando.

**Vai demorar muito tempo até compreendermos qual foi o verdadeiro impacto da pandemia na saúde mental?**

Na saúde mental não é possível criar modelos matemáticos. Há uma imprevisibilidade muito grande, uma variabilidade individual enorme e não conseguimos prever quem vai sofrer doença psiquiátrica nem a capacidade da pessoa resistir a situações de stress. Isso vê-se muito na guerra. Às vezes, aqueles que julgamos mais fortes e resilientes são os que quebram primeiro. É inegável que as doenças

psiquiátricas vão aumentar, mas acho que não devemos ser nem negacionistas nem alarmistas. É muito importante que o Governo transmita confiança. Acho que é um erro dizer que, se isto correr mal, volta tudo para trás. Porque isso não inspira confiança e porque há muita gente assustada. A mensagem a transmitir é a de que as medidas vão sendo tomadas de forma gradual e irão sendo ajustadas conforme a realidade o exigir. A confiança tem que ser restaurada para que as pessoas voltem aos cafés, aos cabeleiros, ao pequeno comércio.

**Disse que os políticos estão sujeitos a grande stress...**

Sim. São seres humanos, estão sob

grande pressão e grande escrutínio. Temos que ser compreensivos e ajudá-los a tomar boas decisões. Não quero o país governado por médicos, epidemiologistas, cientistas, quero o país governado por bons políticos que oiçam os especialistas, mas depois tomem boas decisões políticas. Não podemos embarcar em radicalismos, há muitas variáveis em jogo.

**Já anteviu que o regresso das crianças à escola vai ser complicado. Porquê?**

Como é que se explica às crianças que não se podem abraçar, beijar, tocar? Isto é, de alguma forma, roubar-lhes uma certa espontaneidade, liberdade. Para as

crianças, vai ser muito difícil. No caso dos mais idosos, felizmente o Governo já retrocedeu no prolongamento do confinamento [especificamente para este grupo da população]. Os mais idosos têm o direito de escolher correr o risco [de ficarem infectados] até porque lhes falta já pouco tempo de vida. Há mais vida para além do confinamento. É fundamental o apelo para que sejam novamente visitados e amparados do ponto de vista emocional, sempre adoptando medidas de segurança. É preferível ver os netos a dois metros com uma barreira de acrílico do que não os ver ou vê-los por WhatsApp.

[acampos@publico.pt](mailto:acampos@publico.pt)

# COVID-19

VILA NOVA DE  
**GAIA**  
CÂMARA MUNICIPAL

## PLANO DE DESCONFINAMENTO COVID-19

(Adaptado ao enquadramento municipal)

### >CEMITÉRIOS

**Abertos** desde o dia 4 de maio (uso obrigatório de máscara)

### >PARQUE DA LAVANDEIRA E PARQUE MARIA PIA

**Abrem a 11 de maio**, com lotação condicionada (uso obrigatório de máscara)

### >PARQUE BIOLÓGICO

**Encerrado** enquanto permanecer em funcionamento o «Hotel Positivo» na hospedaria

### >PAVILHÕES, PISCINAS E ESTÁDIOS MUNICIPAIS

Mantêm-se, para já, **encerrados**

Agradecemos a compreensão  
Vamos todos ficar bem!

#gaiajuntossomosmaisfortes

## DESTAQUE

## CORONAVÍRUS



[O vírus natural e os seus clones] são como gémeos idênticos: têm a mesma base genética e parecem-se um com o outro

Joerg Jores  
Cientista

# Criados clones sintéticos do SARS-Cov-2 para a investigação científica

Cientistas da Suíça e da Alemanha que criaram versões sintéticas do novo coronavírus já receberam vários pedidos de grupos de investigação para terem acesso a estes clones

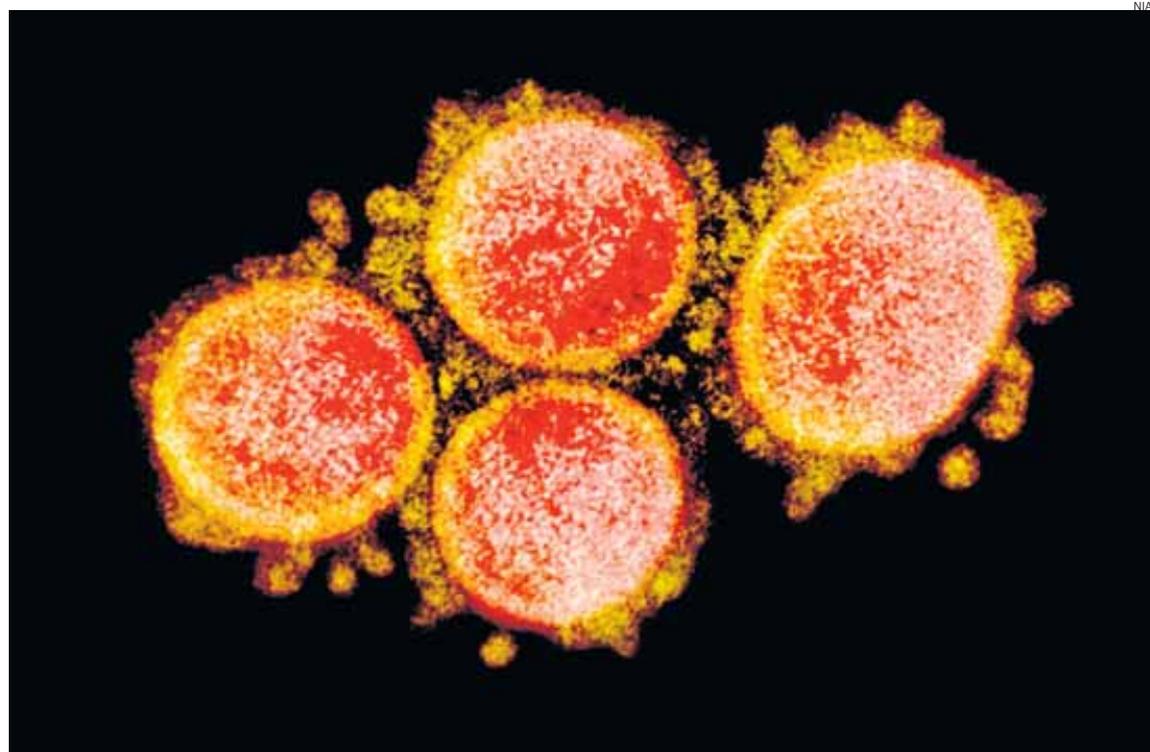
Teresa Sofia Serafim

**E**m tempos de pandemia, todos os contributos podem ser importantes. Uma equipa de cientistas da Suíça e da Alemanha também quis dar o seu contributo e, para isso, clonou de forma sintética o coronavírus SARS-Cov-2 para que possa ser utilizado assim na investigação científica. Qual o objectivo? Quando é investigado em culturas de células, o vírus original sofre muitas mutações e a versão sintética pretende colmatar essa falha. A equipa avisa ainda que só realiza este trabalho em instalações com elevado grau de segurança.

Num resumo sobre este trabalho, a equipa escreve que a “reconstituição” de vírus em laboratório é uma ferramenta útil para estudar agentes patogénicos durante surtos de doenças. Afinal, quando há surtos, as amostras virais levam muito tempo até serem entregues em laboratório ou são consideradas demasiado perigosas para serem transportadas, justifica-se.

Por isso, uma equipa liderada por Volker Thiel e Joerg Jores (investigadores da Faculdade de Vetsuisse da Universidade de Berna, na Suíça) decidiu criar versões sintéticas do SARS-Cov-2, que terá passado de um animal para humanos no final de 2019. O processo descrito na revista científica *Nature* foi realizado num laboratório com elevada protecção do Instituto de Virologia e Imunologia do Serviço Federal de Segurança Alimentar e Veterinária da Suíça.

Os cientistas tiveram como modelo as sequências do próprio genoma do coronavírus divulgadas no início de Janeiro. Simplificando o processo, conseguiu-se fazer vários clones sintéticos do vírus através de ADN sintético do SARS-Cov-2 – o ARN (a informação genética deste vírus)



Versão natural do coronavírus SARS-Cov-2, que agora também já tem clones sintéticos

tinha sido transformado em ADN através da enzima transcriptase reversa. Estas “peças” de ADN sintético foram em seguida introduzidas em células de levedura e, depois, foi montado o *puzzle* de um coronavírus sintético.

## Infeciosos em células

Como faltavam duas peças do *puzzle*, os investigadores tiveram de recorrer a amostras de um doente infectado com SARS-Cov-2, o que permitiu ter todas as peças. No final, conseguiram criar-se diferentes versões sintéticas do coronavírus.

“Replicámos o vírus no período de uma semana [depois de terem todos os fragmentos de ADN sintético]”, afirma Volker Thiel, destacando que este trabalho mostra a capa-

cidade do sistema com células de levedura que já tinha sido criado na Universidade de Berna. Há muitos vírus que podem ser replicados através da bactéria *Escherichia coli*, mas os coronavírus são demasiado “grandes” para serem facilmente clonados por esta bactéria.

E quais as características destas versões sintéticas? Joerg Jores esclarece o PÚBLICO que um clone “é normalmente igual ao seu modelo”. “São como gémeos idênticos: têm a mesma base genética e parecem-se um com o outro.” Quanto à infecciosidade destes clones, o cientista diz que são infecciosos, pelo menos, ao nível das células de animais. Até agora, não foi testado em nenhum modelo animal. Mesmo assim, para que se evite que seja libertado, Joerg Jores avisa que só

se pode trabalhar com este vírus sintético em instalações com um elevado nível de segurança.

## A utilidade dos clones

Uma das questões que podem surgir é: qual a vantagem de usar uma versão sintética em vez do vírus original? Joerg Jores refere que, no início da pandemia, era difícil obter amostras da China. “Com o nosso método, o vírus pode ser reconstituído de forma rápida e usado para configurar modelos de infecção ou testes de diagnóstico”, indica.

Agora, o interesse do uso dos clones do SARS-Cov-2 parece estar relacionado com as mutações durante a investigação científica. O SARS-Cov-2 natural sofre mutações tanto em laboratório (depois de passar por culturas

celulares muitas vezes) como no processo de infecção nas pessoas. Ora, o vírus sintético pode ser produzido várias vezes para voltar a ter-se uma versão igual à do SARS-Cov-2 natural sem as alterações geradas em laboratório. Podem ainda ser desenvolvidos diferentes mutantes do vírus, para se perceberem os seus possíveis caminhos evolutivos e possam tomar-se medidas de controlo atempadas.

Por agora, também já se fizeram “versões verdes” do coronavírus, ou seja, que têm um gene que codifica uma proteína verde-fluorescente. As células infectadas por estas versões do vírus são mais fáceis de estudar porque ficam verdes. Estes vírus podem, assim, ser um contributo para testes de medicamentos, modelos animais para investigação ou desenvolvimento de vacinas.

A equipa considera ainda que a rapidez com que se conseguem clones a partir deste sistema que desenvolveu e a sua aplicabilidade a outros vírus de ARN dão uma alternativa às autoridades de saúde e laboratórios de acederem ao vírus sem precisarem de ter amostras clínicas.

Já vários grupos de investigação e empresas pediram estes clones à equipa da Universidade de Berna. Contudo, Joerg Jores informa que apenas são enviados para laboratórios que têm licença para trabalhar com este tipo de vírus e que têm instalações com um elevado nível de segurança. “Como pode imaginar, precisamos de preencher muita papelada antes de os enviarmos”, conta.

Esta equipa não foi a única a clonar o SARS-Cov-2. Há pelo menos mais um grupo com cientistas dos Estados Unidos que também o fez. Para Joerg Jores, a grande vantagem do seu sistema é que “é muito consistente e fiável a obter clones sintéticos”.

teresa.serafim@publico.pt

# Dia da Europa: socialistas deixam apelo, outros deixam avisos

Luciano Alvarez

**Covid-19 marcou evocação do Dia da Europa pelos partidos portugueses. PCP só evocou os 75 anos do fim da II Guerra Mundial**

O primeiro-ministro e dois dos principais ministros do Governo uniram ontem as suas vozes, para, no Dia da Europa, pedirem união no Velho Continente. “Só unida e com uma resposta comum a Europa se poderá reconstruir”, afirmou António Costa. Os restantes partidos também vieram a público evocar o dia, mas em registos diferentes.

No dia em que se celebrou o 70.º aniversário da declaração de Robert Schuman, considerada fundamental para a criação da actual União Europeia, Costa lembrou as palavras do então ministro dos Negócios Estrangeiros francês.

“Hoje, como em 1950, só unida e com uma resposta comum a Europa se poderá reconstruir, reforçando-se enquanto comunidade de valores, espaço de prosperidade partilhada e líder na resposta aos grandes desafios

globais”, afirmou num vídeo colocado nas redes sociais.

“A União Europeia é uma comunidade de valores. É o maior espaço económico de prosperidade partilhada e é a nossa força para enfrentar os desafios globais”, enaltece António Costa no vídeo.

Já Augusto Santos Silva, ministro dos Negócios Estrangeiro, emitiu um comunicado em que afirma que “os gigantescos desafios do presente constituem uma oportunidade para rever o que nos une: a construção de uma Europa democrática, solidária, sustentável, aberta, defensora do multilateralismo, mais justa e coesa e contrária a lógicas egoístas e nacionalistas”.

O líder do PSD, Rui Rio, também veio a público saudar o Dia da Europa, mas deixou um aviso: se a União Europeia não conseguir responder “com eficácia e força” à retoma da economia depois da pandemia, “estará numa encruzilhada, porque vai crescer a contestação ao projecto europeu”.

“Perante aquilo que aconteceu ao mundo e em particular à Europa, a Europa está num momento decisivo: consegue responder com eficácia e com força aquilo que é a retoma da economia europeia – e no nosso caso particular da economia portu-

guesa – pós-pandemia e a Europa resolve por muitos e bons anos o problema de cepticismo que existe relativamente ao projecto europeu”, defendeu o presidente do PSD num vídeo colocado na Internet. Caso isso não aconteça, “a Europa estará numa encruzilhada, porque aí vai crescer a contestação ao projecto europeu”, avisou Rui Rio.

Catarina Martins, por sua vez, também deixou um alerta. Para a líder do BE, numa altura em que as “cicatrices da política de austeridade estão muito presentes”, há “uma justificada crise de legitimidade da União Europeia”, cuja “utilidade” será questionada, “caso não consiga responder à crise pandémica”. Numa mensagem publicada nas redes sociais, a coordenadora do Bloco defendeu ainda que “o tempo não é de celebração, mas de exigência”. “Se a União Europeia não conseguir responder a esta crise, serve para quê? Será este o tempo da Europa?”, questionou.

No dia em que também se celebrou o 75.º aniversário do fim da II Guerra Mundial, o secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa optou por saudar esta data, ignorando o Dia da Europa. E também ele deixou um aviso, afirmando que há em Portugal “quem queira reabilitar o regime fascista” e “apagar a actualidade e os valores da revolução de Abril”.

O líder do CDS afirmou que a União Europeia tem, com esta crise, uma prova decisiva que a deve levar a coordenar “uma resposta comum que auxilie os Estados-membros a vencerem a emergência social e económica. Para problemas globais exigem-se soluções globais”, afirmou Francisco Rodrigues dos Santos, também numa mensagem de vídeo. “Ou recuperamos juntos ou caímos separados”, proclamou o dirigente centrista, vincando que “Portugal não pode entrar numa espiral de dívida incontrolável para vender esta pandemia”. **com Lusa**



Portugal é um dos Estados-membros da União Europeia desde 1986

lalvarez@publico.pt

## Solidariedade é a solução, diz Vonder Leyen

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse ontem que a covid-19 revelou que “não é solução” os países da União Europeia “virarem-se para dentro”, frisando a necessidade de solidariedade no espaço comunitário. “Esta solidariedade foi posta à prova no início da actual pandemia, mas a crise mostrou-nos que virarmo-nos para dentro não é a solução”, disse a líder do executivo comunitário, numa declaração emitida a propósito do Dia da

Europa. Admitindo falhas iniciais na solidariedade europeia, nomeadamente quando a pandemia se intensificou em Itália, Ursula von der Leyen salientou que, “a seguir”, os países europeus começaram a “ajudar-se mutuamente”. “Vimos paramédicos da Polónia e médicos da Roménia a salvar vidas em Itália, vimos hospitais da República Checa a tratar os doentes da França e vimos doentes de Itália a serem levados de avião para clínicas na Alemanha”, congratulou-se.

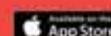
PUBLICIDADE

Q play

#CORONAFREE

ACESSO GRATUITO ATÉ JUNHO

QPLAY.PT | APP MEO



M A I S D E 5 0 0 H O R A S D E C O N T E Ú D O

E X C L U S I V O E M P O R T U G U E S

## DESTAQUE

## CORONAVÍRUS

# América Latina pós-covid-19: a volta do porco ou o tempo da fénix?

Só os derrubados têm a oportunidade de se levantar e há quem pense que o efeito da pandemia na região pode ajudar a traçar outro rumo que não seja o da volta do capitalismo financeiro

António Rodrigues

**A** América Latina, esta pandemia apanhou-a em desequilíbrio, e à América Central e do Sul mais ainda. Desde a crise de 2014, o preço das matérias-primas desceu 27%, segundo a Bloomberg, e as exportações terminaram o ano a descer mais de 2%. A crise social agudizou-se e derivou em protestos na rua, quedas de Governos, num 2019 de insatisfações sociais que augurava um 2020 de mudanças: um plebiscito no Chile, uma eleição na Bolívia, um regresso da esquerda ao poder na Argentina, um final de mandato presidencial conturbado no Equador.

A América Latina são 613 milhões de pessoas em países de diferente desenvolvimento com uma característica comum: a desigualdade social como marcante histórica. Mais de metade da sua mão-de-obra (53%) trabalha na economia informal (no Peru, são dois em cada três trabalhadores), sem acesso a seguros pessoais e com uma saúde pública em constante subinvestimento e alvo de privatizações – só Cuba (10,6% do PIB) tem um nível de gastos em saúde pública ao nível da Europa, mas enfrenta uma escassez crónica de alimentos que esta crise de saúde pública só veio acentuar.

A pandemia agudizou os problemas e aprofundou a crise económica. E à medida que o isolamento social e as quarentenas se prolongam para tentar conter a expansão

da covid-19 do México à Argentina, passando pelas Caraíbas, as previsões para este ano tornam-se mais lúgubres. Se, em Abril, o cenário apontava para uma queda de 5,2% em 2020 e um crescimento de 3,4% em 2021, agora o Fundo Monetário Internacional (FMI) já está a pensar rever esses números.

“O mais provável é que o crescimento económico da América Latina em 2020 seja ainda mais negativo do que tínhamos previsto, porque é provável que a economia dos EUA tenha uma queda mais acentuada do que antevíamos”, explicou o director do FMI para o Hemisfério Ocidental, Alejandro Werner, ao jornalista do *Miami Herald* Andrew Oppenheimer. “Uma recessão maior nos Estados Unidos irá traduzir-se em menos remessas familiares (de residentes nos EUA), menos turismo e menos exportações.”

## “Encruzilhada civilizacional”

Fazer previsões no meio de uma emergência médica é complicado para os economistas e um quebra-cabeças para os Governos, que sabem das implicações de prolongar o isolamento nas suas já débeis economias. No entanto, como em tudo, do mal pode sair algum bem se os Governos estiverem dispostos a encarar esta crise como a oportunidade para reformas profundas, estruturais.

“Esta crise oferece-nos uma encruzilhada civilizacional”, tem afirmado bastantes vezes Alicia Bárcena, secretária executiva da Comissão Económica para a América Latina e as Caraí-

bas da ONU (CEPAL). “Ou voltamos à globalização concentradora, autoritária ou vamos para uma mais democrática, com um novo paradigma de desenvolvimento que reconheça a interdependência social e ambiental e económica”, refere, citada no *site* da comissão.

Alicia Bárcena acredita que “há possibilidade para uma acção transformadora”. Até porque “esta não é uma crise de bancos, é uma crise de pessoas”, como referiu no debate, esta semana, transmitido pela Casa de las Américas, com o ex-ministro das Finanças do México e actual presidente do CAF – Banco de Desenvolvimento da América Latina, Luis Carranza, moderado por Michael Reid, da *The Economist*. “É uma crise da economia real, não é uma crise financeira. Pode passar a ser, mas não é”, acrescentou.

“Que isto signifique um regresso a idênticas formas de Estado social ou desenvolvimentista de há décadas não é possível porque existem interdependências técnico-económicas que já não podem dar marcha atrás para erguer sociedades autocráticas no mercado interno e na assalarição regular”, disse o ex-vice-Presidente boliviano, Álvaro García Linera, numa conferência recente. “Mas sem um Estado social preocupado pelas condições de vida das populações, continuaremos condenados a repetir estes descalabros globais que fendam brutalmente as sociedades e nos deixam à beira do precipício histórico.”

O barranco depois do “Grande Confinamento de 2020”, como lhe

## Trump diz que vírus desaparece

O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse ontem que o coronavírus “vai desaparecer mesmo sem uma vacina” e que a estimativa é que morram da doença que provoca, a covid-19, 95 mil pessoas no país onde há quase 1,3 milhões de infectados e mais de 77 mil óbitos.



“Como se vai inserir a nossa região no futuro? É preciso pensar fora da caixa”

### França não flexibiliza o amor

A deputada francesa Mireille Clapot, do partido do Presidente Emmanuel Macron, propôs no Parlamento a votação de uma “emenda do amor”, para permitir encontros amorosos. O ministro da Saúde, Oliver Véran, agradeceu-lhe o “momento de ternura”, mas disse que não.



JUAN IGNACIO RONCORONI/EPA

...a”, diz Alicia Bárcena

### Casos confirmados no mundo

Valores às 20h00 de 9 de Maio



Fonte: Universidade de Johns Hopkins

chamou o FMI, “prepara-se para ofuscar virtualmente todas as crises da história moderna, afundando a América Latina e as Caraíbas na sua maior recessão desde 1930”, escreve a JP Morgan na sua análise mais recente do estado da região. Na Grande Depressão, a economia latino-americana afundou-se 5%, desta vez, a situação parece pior.

As previsões da CEPAL, que dão uma queda de 5,3% do PIB da região em 2020, mais 12 milhões de desempregados, apontam para um aumento da pobreza em 34,7% até ao final do ano, condenando mais 16 milhões à pobreza extrema, passando a 83 milhões de pessoas nessa condição, de acordo com o *Financial Times*. Ao todo, haverá mais 29 milhões de pobres, que passarão a ser 214 milhões, afirmou Alicia Bárcena.

Em consequência disso, muita gente passará “a realizar trabalhos menos produtivos, veremos crianças obrigadas a deixar a escola para ir trabalhar. Veremos maior instabilidade política que pode levar a um maior populismo”, explica à BBC Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. “Penso que a pobreza e a dívida pública são problemas que se manterão durante anos”, salienta.

Na crise financeira de 2008, a dívida dos Estados da região estava situada nos 40%, hoje anda pelos 62% e algumas das principais economias da região estão altamente endividadadas. A dívida pública da Argentina equivale a 93,3% do seu PIB e a do Brasil a 91,5%, mas os argentinos estão em piores lençóis porque parte substancial dessa dívida está em dólares e a moeda norte-americana tem vindo a valorizar-se face às divisas da região nos últimos tempos.

### “Década perdida”?

E é a esses Estados endividadados, reduzidos a uma expressão mínima pela vaga de privatizações implementadas a partir dos anos 90, que se pede agora um aumento de investimento para impedir que o impacto social da luta contra a pandemia acabe com mais custos sociais do que os que já vai ter. Porque, como escrevem Sergio Pascual e Alfredo Serrano, do Centro Estratégico Lation-americano de Geopolítica (CELAG), se esses Estados não intervierem dessa forma “não há maquilhagem possível: estarão a empurrar aos seus cidadãos ao preci-

pício da doença, da exclusão social e da morte”.

A “tarefa fundamental” é “evitar um desastre humanitário que faça a região retroceder 50 anos”, dizem os especialistas da CELAG ou, como põe a JP Morgan, para que a década de 2015-2025 não se transforme numa nova “década perdida”. A América Latina terá que “disputar hoje o seu futuro com unhas e dentes” e se a saída da crise dos anos 1970 “pressupõe uma década perdida”, depois desta pandemia “está em

# 214

**milhões de pessoas na pobreza no final de 2020, em consequência de um aumento de 34,7% por causa da covid-19**

# 83

**milhões de latino-americanos viverão na extrema pobreza quando terminar o ano, por causa da crise económica**

# 77,4

**mil milhões de euros já se tinham esfumado dos países emergentes até 23 de Março, de acordo com o FMI**

# 5,3%

**de recessão é o cálculo da CEPAL para a região. O FMI previu 5%, mas deve rever esse valor no final deste semestre**

### Casos sobem no Brasil

O epicentro da pandemia do coronavírus na América Latina, o Brasil, enfrenta um momento dramático da crise. Com 610 mortes em 24 horas (na sexta-feira foram registadas 751), o país tinha ontem um total de 10.037 mortes e 147 mil casos de infecção.



jogo todo o seu século XXI”, sintetizam Pascual e Serrano.

O filósofo argentino Ricardo Forster, num recente ensaio para o livro *El Futuro después del Covid-19*, colecção de 30 ensaios encomendados pelo Governo de Alberto Fernández, escreve que se o capitalismo pós-II Guerra Mundial “se viu obrigado a chegar a acordo com a classe trabalhadora” e a aceitar “a arquitectura do Estado social”, foi porque havia um medo de “revolução social” numa altura em que a União Soviética jogava “um papel activo”. Este tempo não é o mesmo.

“O neoliberalismo, a sua ontologia, para lhe dar um nome, é antagónica às implicações estruturais que pressupõe reconstruir na actualidade um Estado social. Um neokeynesianismo progressista (porque pode haver de extrema-direita e até liberal) constitui outro impensável para a lógica da financeirização que domina a época da ortodoxia clássica”, afirma este céptico pensador de esquerda, que confessa a sua dificuldade em “decifrar”, no meio do labirinto, “o caminho que se abrirá depois da pandemia”.

No entanto, como diz Oliver Stuenkel, nem “os Governos conservadores” da América Latina “podem negar que os mercados sozinhos não vão mudar o facto de a América Latina ser uma das regiões mais desiguais do mundo”. E debates sobre rendimento mínimo universal, maior integração regional, reformas fiscais começam a surgir mais amiúde.

“Por exemplo, ganhou força renovada o debate sobre a importância de fortalecer os sistemas de saúde pública e avançar numa agenda de protecção social, não somente para os empregados por conta de outrem, mas também para o grande número de trabalhadores do sector informal”, diz Rodrigo Yáñez, investigador do Centro Latino-Americano para o Desenvolvimento Social, num ensaio que se pode ler no *site* da instituição.

### Maior integração

Visto numa perspectiva positiva, Luis Carranza, no referido debate com Alicia Bárcena, considera que a crise actual abre “um grande espaço para reformas estruturais” que permitam diminuir as “lacunas de infra-estruturas” e aumentar “a capacidade de gasto público em sectores

sociais”. Salientando, no entanto, que “uma crise sistémica requer uma coordenação geral para a mitigar e sair mais rápido da recessão”. Ou seja, acelerar a integração regional para que a América Latina possa fazer valer os seus 613 milhões de consumidores na mesa de negociações com o resto do mundo e, ao mesmo tempo, melhorar as condições para as suas populações.

Que sentido faz, como refere Carranza, que a América Latina “tenha produtores de energia em excesso e países deficitários em energia”? “Esta crise deve ajudar os países a assumir o desafio da integração de uma vez por todas”, sublinha.

A América Latina, na encruzilhada de que fala a secretária executiva da CEPAL, está obrigada, portanto, a responder a uma pergunta fundamental: “Como se vai inserir a nossa região no futuro?” Para isso, “é preciso pensar fora da caixa, não temos outra hipótese”, de modo a “reconstituir uma sociedade diferente porque, senão, o próximo colapso que virá será o das alterações climáticas”, responde Alicia Bárcena.

“Alguém pode pensar que a roda da sorte do capitalismo especulativo voltará a rodar sem que nada a detenha?”, pergunta retoricamente Ricardo Forster. “O vírus, à sua passagem, desnudou o sistema. Mas isso não significa que esteja morto”, até porque, como se sabe, “o capitalismo alimenta-se e expande-se aproveitando as crises que gera”. E os sinais existem, como a fuga de capitais: só até 23 de Março, 77.400 milhões de euros saíram dos países emergentes, de acordo com a directora do FMI, Kristalina Georgieva.

Só que “desta vez é mesmo diferente”, como escrevia a economista de Harvard Carmen Reinhart, num artigo de opinião publicado no final de Março no *El País*. “Desde os anos 1930 que as economias avançadas e emergentes não experimentavam uma queda combinada do comércio global, preço das matérias-primas globais deprimidos e uma recessão económica sincronizada”, o que torna este momento num desses momentos de fazer “tudo o que for preciso” para delinear e aplicar “políticas fiscais e monetárias inovadoras e de grande escala”. Tempo de ousar ou de voltar às mesmas fórmulas.

# ESPAÇO PÚBLICO



Ursula von der Leyen



Sem cerimónias por causa da pandemia, o Dia da Europa foi ontem assinalado pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que, com uma mensagem inspirada e inspiradora, se congratulou por ter visto médicos polacos e romenos a salvar vidas em Itália, checos a tratar franceses ou alemães a acolher italianos. Mas reconheceu que a solidariedade europeia falhou no início da crise, apesar de essa solidariedade ser o objectivo que dá sentido a tudo. (Pág. 11) **A.V.**



Graça Freitas



A Direcção-Geral da Saúde, liderada por Graça Freitas, já tem traçada a maior parte das regras sanitárias para a reabertura das creches e estabelecimentos de pré-escolar a partir de dia 18. É uma tarefa ingrata lutar contra o medo paralisante dos pais e explicar, ao mesmo tempo, que terá de haver alguma exposição ao vírus, até para que a comunidade ganhe imunidade e fique mais bem protegida de uma segunda onda da pandemia. (ver pág. 6) **H.P.**

## Uma pandemia contra os mais pobres

Manuel Carvalho  
Editorial

Não era nada que não suspeitássemos, mas um inquérito da Escola Nacional de Saúde Pública expõe com uma crueza brutal que os impactes da covid-19 vão afectar sobretudo os portugueses mais pobres e vulneráveis. Se na memória histórica os grandes dramas da humanidade, sejam guerras, desastres naturais ou pandemias tiveram o efeito de nivelar as desigualdades, como o demonstra uma obra crucial da História Económica recente (*The Great Leveler*, de Walter

Scheidel), nada nos garante que na era da Internet e da globalização essa tendência se confirme. As famílias mais desfavorecidas e os trabalhadores menos qualificados estão mais expostos ao contágio do novo coronavírus e à perda das suas fontes de rendimento. Qualquer resposta que se esboce para o presente ou o futuro próximo do país terá de considerar esta dura realidade.

Como a grande parte das economias desenvolvidas, Portugal é hoje um país de serviços. Como é regra nos países europeus, boa parte dos cidadãos trabalham na esfera das funções públicas. Uns e outros, sejam bancários, informáticos, jornalistas ou consultores, conseguem manter a sua actividade sentando-se em frente de um computador ligado à rede. E é esta classe profissional que consegue ter mais capacidade de influir nas

prioridades das políticas públicas, seja pela sua maior facilidade de acesso às esferas do poder, seja através de mecanismos de representação e pressão política mais rotinados e eficazes, com destaque para os sindicatos. Sintoma da modernização e qualificação da sociedade portuguesa, esta fatia maioritária do mundo laboral português é também a que dispõe de mais conhecimentos e condições materiais para se proteger das infecções.

Há depois uma mole imensa de portugueses que tem de trabalhar nas ruas, nos transportes, nas fábricas, na recolha do lixo, nos hospitais, nas lojas do comércio local, nos Uber desta vida ou nas limpezas. São estes portugueses que estão mais expostos ao vírus e à perda de rendimentos ou do emprego. Várias iniciativas políticas, do *layoff* ao

acesso aos serviços públicos para emigrantes, da proposta do Bloco para garantir rendimentos básicos a trabalhadores na informalidade foram postos em curso. Não chega. É importante que esta rede de protecção escape às categorias tradicionais que separam a direita e a esquerda. A pandemia colocou o país perante um perigo que dilui as fronteiras convencionais do debate político e coloca do lado dos perdedores milhares de famílias que tudo fizeram durante as suas vidas para conquistar uma vida digna, decente e eticamente inquestionável. O país vai ter de ser capaz de ouvir menos os interesses organizados dos sindicatos ou dos *lobbies* para lhes conceder a protecção que merecem.

manuel.carvalho@publico.pt



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: [cartasdirector@publico.pt](mailto:cartasdirector@publico.pt)  
Telefone: 210 111 000

### CARTAS AO DIRECTOR

#### Escândalo

Num período em que todos estamos virados para o combate a um fantasma (covid-19), chega a notícia de que milhares de toneladas de lixo (resíduos sólidos), vindas da Itália, têm, nos primeiros meses do ano, sido depositadas em lixeiras situadas em aldeias do Norte do nosso país.

Os contentores de lixo vêm em navios, que aportam em Matosinhos e seguem em camiões até aos locais devidamente identificados e aprovados, onde estes resíduos são depositados eternamente a céu aberto. Pasmem-se, pois o ministro do Ambiente diz que está tudo na legalidade, como se a imoralidade fosse aceitável, só porque houve um acordo entre as partes. Tão criminosas são as empresas italianas que enviam o produto como os portugueses que cobram uma taxa para o recolher. É um acto que não

devia ter lugar entre nações, pois quem produz os resíduos tinha obrigação moral de não os enviar para fora do seu território. A notícia circulou nos *media*, numa forma pouco visível, apenas com os moradores das aldeias a reclamar e uma câmara municipal, associada a uma das empresas importadoras do lixo, a dizer que sim, e as organizações ambientais nacionais sempre activas, como a Zero e a Quercus, a olharem para o lado. *Joaquim C. Tapadinhas, Montijo*

#### Investida do inimigo sem rosto

Como é possível que um vírus desta natureza se tenha propagado a todo o mundo, sendo os mortos do dia seguinte em maior número do que se podia imaginar? Um vírus desta natureza, sem rosto, é de temer, nem todos acreditavam no seu poder destruidor, e a verdade é que

nem mesmo os países mais ricos se encontravam preparados para responder capazmente.

Eu creio não estar enganado se disser que este vírus é uma resposta da natureza aos excessos cometidos por todos os países, pois esta tende sempre ao equilíbrio. Pena que seja esta a forma de nos alertar para o descontrolo do mundo que há muito se vem verificando. Deus deu-nos a inteligência e a liberdade de podermos fazer o que quiséssemos para sermos felizes, porém abusámos destes predicados e caímos no excesso de individualismo e falta de solidariedade. Reparem em Lisboa, cidade que tão portuguesa era, mas ultimamente tão invadida pelos endinheirados que desataram a comprar casas e afastaram os residentes sem pejo, nem vergonha. Reparem que já não tínhamos estruturas para receber e manter tanta procura, por exemplo o

aeroporto estava já há muito esgotado, mas a ambição humana já ia tão adiantada. António Costa já queria apressadamente fazer o Aeroporto do Montijo. E agora vejam só, tudo parado. *Artur Gonçalves, Sintra*

#### Ajustes directos

Está a causar celeuma o ajuste directo para a compra de materiais de protecção no quadro da crise pandémica covid-19. A emergência nacional de combate ao vírus é uma situação que, pela sua excepcionalidade, abre portas a ajustes directos. A autorização do Governo foi bem dada. O que deve causar preocupação são os milhares de milhões de euros que os Governos injectam na banca falida. O que deve causar preocupação são as dívidas à banca dos três grandes do futebol português. *Ademar Costa, Póvoa de Varzim*



Luís Sénica

➔ O presidente da Federação de Patinagem de Portugal tem mostrado disponibilidade e abertura para, pelo diálogo, tentar minimizar os efeitos da pandemia no hóquei em patins. Mas enquanto muitos clubes se debatem com a incerteza de saber em que escalão vão competir na próxima época, depois de os campeonatos terem sido dados como terminados, Luís Sénica anunciou o novo modelo da I divisão para 2020-21. Um formato que vai gerar mais jogos e mais custos. (Pág. 31) **N.S.**



Khalifa Haftar

⬇ O marechal Khalifa Haftar, senhor da guerra na Líbia que conta com a ajuda de mercenários russos, intensificou os ataques contra Trípoli, sede do Governo reconhecido pela ONU, que está a ser ajudado pela Turquia e que é chefiado por Fayed al-Sarraj. As duas partes não parecem dispostas a um entendimento, mas foram os ataques de Haftar, segundo a ONU, os responsáveis pela maior parte das 130 mortes civis deste ano. (ver pag. 28) **A.G.F.**



## ESCRITONAPEDRA

O objecto principal da política é criar a amizade entre membros da cidade

Aristóteles (384 a.c.-382 a.c.), filósofo grego

## SEM COMENTÁRIOS XANGAI, CHINA



ALY SONG/REUTERS

## A ajuda paga-se cara



**Miguel Esteves Cardoso**  
Ainda ontem

“**N**o good deed goes unpunished”, como não disse Oscar Wilde, embora muitos gostem de citá-lo como se tivesse dito. Já antes da Internet grassavam estas citações não tanto orfanadas como multiparentais. Viviam nos dicionários de citações sob

a alçada dos inatribuídos ou dos anónimos. Há quem dance de alegria por não achar autoria de um aforismo que muitos atribuem erradamente a um dos suspeitos do costume. A Internet não só está cheia destas atribuições inventadas como já perdeu o rastro de quem as inventou. O que a Internet faz bem é repeti-las até à exaustão.

São Carnavais que fazem esquecer o valor dos aforismos. “Não há boa acção que não seja castigada” é bom porque é verdade.

Poderia ter sido escrito por Agustina. Mas a candidata perfeita é Penelope Fitzgerald, cuja obra e vida foram dedicadas a mostrar por que é que as pessoas são incapazes de perdoar os favores que lhes fazem.

O egoísmo narcisista do nosso tempo só é diferente do eterno porque hoje não só não é castigado ou reprimido como é jubilantemente encorajado.

Daí que não suportemos a memória da ajuda que tivemos. Achamos que nos tira valor. Odiamos que haja quem possa pensar: “Se não fosse eu, sabe-se lá o que tinha acontecido àquele gajo...”

E, por isso, não descansamos enquanto não mordemos repetidamente a mão que em hora aziaga se lembrou de nos dar de comer.

Qualquer dia, um putativo benfeitor arrisca-se a ouvir, da boca de alguém a quem se prontifica a dar a mão: “Mas quem é você para estar a ajudar-me?!...”

A bondade está pelos olhos da cara.

## EMPUBLICO.PT

### Campeonato das estantes

Com as câmaras a entrarem nas casas dos comentadores televisivos, o campeonato nacional de estantes de livros decorre no Twitter, promovido pela conta satírica *Uma Página na Rede Social*.

[publico.pt/p3](http://publico.pt/p3)

### Praia: o que posso fazer?

A menos de um mês do início da época balnear, há ainda muitas dúvidas sobre como vão ser as idas à praia. Nestas semanas de transição, há já centenas de pessoas nos passeios marítimos e o areal.

[publico.pt/multimedia/videos](http://publico.pt/multimedia/videos)

### Para quem sente falta do ginásio

João e Pedro Cruz, do Outdoor Training Camp, propõem um treino de intensidade média-alta, num vídeo de menos de seis minutos para ficar em forma.

[publico.pt/multimedia/videos](http://publico.pt/multimedia/videos)

# O dever da memória

**Teresa de Sousa**  
Sem Fronteiras

Todas as esperanças são legítimas, quando se comemoram os 70 anos do acto fundador da integração europeia

As palavras contam. E contam ainda mais quando pesa sobre nós este estranho silêncio de um tempo que ficou em suspenso até ao dia em que a vida possa recomeçar. Todas as que foram ditas nos últimos dois dias pelos líderes europeus não podem nem devem ser escutadas como um simples pró-forma, um ritual que se cumpre todos os anos, mais por dever de ofício do que por dever da memória. Algumas dessas palavras vieram carregadas de significado. Como aquelas que o Presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, pronunciou em Berlim, junto à réplica da escultura *Mãe com Filho Morto*, de Käthe Kollwitz, no memorial às vítimas da guerra e da tirania, numa cerimónia solitária, acompanhado apenas pela chanceler, Angela Merkel, pelo presidente do Bundestag, Wolfgang Schäuble, pelo presidente do Tribunal Constitucional, Andreas Vosskuhle, e pelo ministro-presidente do Land de Brandeburgo, na capital alemã. “Talvez o facto de estarmos sozinhos nos leve até mais próximo do dia 8 de Maio de 1945, porque, nesse tempo, os alemães estavam sozinhos (...), derrotados militarmente, politicamente e economicamente, esmagados moralmente. Fizemos de nós o inimigo do mundo”. As suas palavras servem de prólogo para a frase mais tocante do seu discurso: “Só se pode amar este país com um coração partido.”

Muitos alemães chamam ao dia 8 de Maio de 1945 a sua “hora zero”. Foi preciso esperar pelos anos 60 para que uma nova geração que cresceu depois da guerra rompesse o silêncio que ainda pesava sobre o passado, confrontando abertamente a geração dos seus pais. Não foi fácil. O mundo inteiro contemplou comovido o gesto de Willy Brandt, em 1970, ajoelhando-se diante do memorial das vítimas do gueto de Varsóvia. Na Alemanha Ocidental, esse gesto não foi inteiramente compreendido. Brandt foi acusado de ter “traído” o seu país, quando fugiu à perseguição do Partido Nacional-Socialista, que começou pelos sociais-democratas e comunistas antes de



chegar à Solução Final, e de ter vestido a farda do Exército norueguês, integrado nas forças aliadas que libertaram a Alemanha. “Foram precisos anos, foram precisas décadas, para que os alemães levassem a cabo o processo de desnazificação e conquistassem o seu lugar na comunidade das nações”, disse o Presidente alemão. A Comunidade Europeia foi o principal instrumento político desse regresso.

**“A chanceler transforma-se quando celebra a liberdade contra todas as formas de obscurantismo e de opressão”**



Também perante a Europa, a Alemanha tem uma dívida maior do que qualquer outro país europeu. Uma dívida que se foi apagando com a passagem do tempo, que alguns dos seus líderes e muitos dos seus cidadãos consideram definitivamente saldada. Mas que, 75 anos depois da libertação, continua a não poder desaparecer da memória colectiva.

Ontem, em Paris, Berlim, Lisboa, Roma ou Bruxelas, os responsáveis políticos europeus prometeram que a

Europa havia de sair mais forte desta crise. Algumas das suas palavras foram certamente sinceras, mesmo que em cada uma das capitais europeias haja uma ideia diferente sobre o melhor caminho para lá chegar. Mas isso não os desresponsabiliza perante os 500 milhões de cidadãos livres que hoje integram a União Europeia. Os mais fortes têm de utilizar a sua força em nome da Europa. A Alemanha, depois do milagre económico do pós-guerra e do milagre político da reunificação, mais do que todos os outros, tem esse dever.

2. Para além das palavras, há também imagens inesquecíveis. A de Brandt em Varsóvia, como a de Kohl e Mitterrand, de mãos dadas, em Verdun, fazem parte das mais belas páginas da história da integração europeia. A imagem solitária da chanceler, sentada numa cadeira no centro do enorme espaço de pedra, quase deserto, onde decorreram as cerimónias de Berlim, não tinha o dramatismo histórico das anteriores. E, no entanto, prendia o olhar talvez como nenhuma outra. Merkel cometeu inúmeros erros ao longo dos seus 15 anos como líder do país mais poderoso da Europa. É responsável por muitas hesitações e decisões que causaram um sofrimento real a milhões de europeus. Não o sofrimento da guerra, mas o do desemprego, das privações ou do receio do futuro, muitas vezes apenas para satisfazer uma visão mesquinha de parte da opinião pública alemã. Mas a chanceler

transforma-se quando celebra a liberdade contra todas as formas de obscurantismo e de opressão. É um campo em que não faz cedências. É o seu maior capital político. Do que fará com ele dependerá, em boa medida, o futuro da União Europeia. Todas as esperanças são legítimas, quando se comemoram os 70 anos do acto fundador da integração europeia. Mesmo que amanhã voltemos a ter os pés bem assentes na terra.

3. “Poupados” à guerra, não tivemos direito à nossa própria libertação. Entre aqueles que acreditaram que ela chegaria com o anúncio da vitória dos Aliados estava um jovem estudante universitário que, como sempre ao longo da sua vida, se recusou a ficar parado. Nesse dia 8 de Maio de 1945, Mário Soares acreditou que era o dia em que também se anunciava o fim de todas as ditaduras. Estava a assistir a uma aula sobre a História dos Descobrimentos nas caves da velha Academia das Ciências onde funcionava a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, quando a notícia lhe chegou. Nessa noite, com um grupo de outros estudantes, empunhando pequenas bandeiras de papel com as cores dos países aliados, arrastou uma multidão de gente até ao Rossio, para celebrar. “A derrota do nazi-fascismo implicaria necessariamente a derrota dos fascismos peninsulares – o que nos parecia uma evidência”, disse, muitos anos mais tarde. Salazar manobrou entre a promessa de eleições “tão livres como na livre Inglaterra”, que nunca aconteceram, e os “serviços prestados” aos Aliados com a cedência (forçada) dos Açores. Portugal teve de esperar quase 30 anos pelo seu dia da Libertação.

4. Hoje, os nossos sonhos são bem mais simples. O século XX ensinou aos europeus os perigos que encerram todas as utopias. Confrontados com uma “guerra” para a qual ainda não temos as “armas” necessárias, entretemo-nos a sonhar com um “mundo novo”, que emergirá das lições que estamos a aprender na nossa solidão imposta. Mais solidário, mais justo, mais preocupado com o ambiente. Não vale a pena. A maioria de nós já sonhava com uma sociedade mais solidária, mais justa e mais “verde” antes da pandemia. Continuaremos a debater civilizadamente qual o melhor caminho para a conseguirmos. E tudo o que desejamos é, afinal, voltar a almoçar com a família num bom restaurante, abraçar os netos, ir fazer compras, visitar os amigos, apanhar um avião. É essa a medida exacta da vida privilegiada que levamos.

**Jornalista. Escreve ao domingo**  
teresa.de.sousa@publico.pt

# A minha dívida para com D. Manuel Vieira Pinto

**Frei Bento Domingues O.P.**

Com D. Manuel Vieira Pinto, as comunidades cristãs eram incentivadas a uma radical criatividade. Nascia uma nova forma de ser Igreja, na linha do Vaticano II, mas a partir da base

Os Dominicanos viveram uma longa história em Moçambique. A Congregação de Santa Cruz das Índias não confinava a sua acção missionária aos continentes asiático e australiano, orientava a actividade de todos os dominicanos portugueses em terra de missão, quer se desenvolvesse na Ásia, na Oceânia ou na África.

Em Moçambique, trabalharam desde o séc. XVI até ao séc. XIX. É uma história que está, em grande parte, por fazer, quer sobre momentos de fidelidade missionária, quer dos períodos de declínio ou de decadência. Destaco, apenas, que o primeiro religioso de Moçambique foi um dominicano. Por outro lado, a *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente* [1], de Frei João dos Santos, continua uma obra de referência obrigatória, “uma obra singular no panorama da literatura portuguesa seiscentista”.

Os Dominicanos portugueses só voltaram a formar uma comunidade em Moçambique, na Diocese de Nampula, com D. Manuel Vieira Pinto, falecido no passado dia 30 de Abril. Quando, depois da independência, foram impedidos de viver em comunidade e de continuar a importante obra social que tinham desenvolvido, regressaram a Portugal [2]. Frei João Domingos ainda estudou a viabilidade de um regresso. Concluiu que seria preferível começar tudo de novo em Angola, para onde foi, em 1982, com Frei Gil e Frei José Nunes. Os frutos mostraram, e continuam a mostrar, que ele tinha razão.

Apesar disso, o bispo de Nampula não dispensou o contributo dos Dominicanos. Como membros do Instituto S. Tomás de Aquino (ISTA), vários dos seus professores, nomeadamente João Domingos, Luís França, Raimundo de Oliveira e eu próprio fomos chamados a colaborar na reciclagem dos missionários e na formação dos animadores de comunidades.

2. Durante vários anos, a partir de 1981, desloquei-me, muitas vezes, a várias dioceses de Moçambique para realizar um programa desenhado por D. Manuel Vieira Pinto e pelos



seus colaboradores. Os cursos mais longos eram desenvolvidos no Centro Catequético do Anchilo, perto de Nampula. Era uma escola de inculturação da fé cristã muito popular e muito exigente.

Esta escola já tinha uma longa história. A partir da Assembleia Nacional de Pastoral, na Beira, em 1977, e de se ter enveredado por uma Igreja de pequenas comunidades, verifiquei que não só em Nampula, mas em Pemba, em Quelimane, na Beira e no Maputo, o catolicismo e as Igrejas não estavam derrotados, como julgava e dizia Marcelino dos Santos, vice-presidente da Frelimo.

Esta orientação das Igrejas tinha muitas dificuldades, mas também enveredou por experiências verdadeiramente criadoras. Em Nampula, que na época englobava a actual Diocese de Nacala, todos os caminhos eram possíveis. Em Portugal, estava habituado à paralisação de iniciativas. Com D. Manuel Vieira Pinto, as comunidades cristãs e os seus animadores, ajudados por congregações missionárias,

“Em Nampula, que englobava a actual Diocese de Nacala, todos os caminhos eram possíveis”



femininas e masculinas de vários países, eram incentivadas a uma radical criatividade. Nascia uma nova forma de ser Igreja, na linha do Vaticano II, mas a partir da base.

A minha grande dívida para com D. Manuel Vieira Pinto consiste em ter tido a possibilidade de acompanhar, do ponto de vista teológico, essa caminhada. Isso obrigou-me a um estilo de cursos nos quais os animadores de comunidades eram chamados não a consumir uma teologia europeia já feita, mas a participar activamente na elaboração de uma teologia pastoral inculturada, a partir das suas próprias experiências, vividas ao longo do ano. Esse trabalho aprofundou e alargou a minha prática teológica para sempre.

Os missionários e os animadores de comunidades podem não ter aprendido grande coisa comigo, mas eu descobri duas realidades. Existia uma teologia africana, quase desconhecida, onde trabalhei. Era preciso divulgá-la. Por outro lado, vi a possibilidade de se fazer uma teologia africana de estilo bastante diferente, quer da elaborada nas faculdades de Teologia, quer da que resultava das teses de doutoramento, realizadas na Europa, sobre temas africanos. Em geral, pareciam bastante longe da prática daquelas comunidades. Ora, se havia comunidades de base pujantes, tinham de ser elas a elaborar uma nova teologia africana.

Por essas duas razões orientei os *Cadernos de Estudos Africanos*, edição do Centro de Reflexão Cristã, de Lisboa.

Esses cadernos deram a conhecer o que se fazia no resto da África e o que ia acontecendo no espaço de língua oficial portuguesa. Foram

publicados sete números, de 1977 a 1990. Não acabaram por falta de trabalho, mas por falta de quem financiasse a sua publicação.

3. Não devo, apenas, a D. Manuel Vieira Pinto a oportunidade de participar numa realidade africana muito frágil, mas entusiasmante. Devo-lhe também, indirectamente, o encontro com diversas práticas da teologia da libertação da América Latina. Ao ser convidado a participar num Congresso de Realidades Latino-Americanas, no México, organizado pelo Centro Bartolomé de Las Casas (Cusco, Peru), devido ao que tinha escrito sobre a *Teologia de Inculturação* [3], passei a colaborar com esse centro. Como desenvolvia a sua actividade em vários países da América Latina, descobri um novo continente teológico, muito ameaçado.

D. Manuel Vieira Pinto é muito conhecido, e com razão, pelo seu enfrentamento com a guerra colonial, pelo exílio imposto, pela denúncia do embuste do regime marxista-leninista e pela guerra civil que, após a independência, não realizou a libertação do povo moçambicano. Sobre estas questões existe alguma bibliografia [4].

Merece ser muito mais conhecida, mais aprofundada e mais divulgada a originalidade do seu contributo para uma nova eclesiologia prática de abertura a novas experiências de ministérios, nas comunidades cristãs.

Não introduziu, apenas, em Portugal, o Movimento por um Mundo Melhor. Como bispo, congregou energias, pessoas e grupos, leigos, padres e religiosos, para uma Igreja que tinha pouco a ver com a que encontrou ao chegar a Nampula.

O que não for aprofundado, de forma inovadora, será esquecido. Será uma traição à memória de Vieira Pinto.

[1] Cf. Edição da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1999. A 1.ª edição é de 1609

[2] Frei Rogério Amorim era o pároco da sé catedral e da Paróquia de Santa Maria. Toda a comunidade dominicana desenvolveu um grande e variado centro social

[3] Fr. Bento Domingues, O.P., *Verdades e Ambiguidades da Inculturação Missionária*, in Igreja e Missão, n.º 124-125 (Abril-Setembro/84), pp. 509-592

[4] José Luzia, *Manuel Vieira Pinto: O Visionário de Nampula*, Paulinas, 2016, com bibliografia; aborda também, com belos testemunhos, Vieira Pinto como administrador apostólico das dioceses da Beira e de Pemba. *7Margens* tem publicado muitos e interessantes testemunhos, fazendo memória do Bispo Vieira Pinto.

Escreve ao domingo

# POLÍTICA

## JS quer ver caixa dos advogados e solicitadores na Segurança Social

Maria Begonha pede urgência na solução da “situação dramática” destes profissionais que “estão sem qualquer tipo de protecção”, mas continuam a ter de pagar mais de 250 euros mensais para a CPAS

**Propostas**  
São José Almeida

A JS defende a integração da Caixa de Previdência dos Advogados e Solicitadores (CPAS) na Segurança Social, declarou ao PÚBLICO a deputada Maria Begonha, secretária-geral da organização de juventude do PS.

Perante um conjunto vasto de pessoas que “estão sem protecção social” e para as quais “não houve ainda soluções”, como é “o caso da Caixa de Previdência dos advogados, advogados estagiários, solicitadores e agentes de execuções, tem de ser o Governo a agir”, afirma Maria Begonha. “A curto prazo, o Governo tem de os equiparar aos trabalhadores independentes, para que possam ter acesso aos apoios que o Governo criou, de modo a evitar que caiam na pobreza”, pois “estão sem qualquer tipo de protecção”, sublinha a líder da JS.

Mas, para o futuro, Maria Begonha defende que estes profissionais “sejam integrados na Segurança Social”, já que “este assunto ultrapassa o problema da pandemia: é o problema de uma classe profissional que não contribui para a Segurança Social e que, por isso, não tem acesso a nenhuns subsídios do Estado”. O que, para a líder da JS, “é incompatível com a defesa do Estado social, que é essencial como modelo de sociedade”.

Maria Begonha explica que a JS não avança com um projecto de lei sobre o assunto, “porque esta medida cria despesa e esbarra na norma-travão do Orçamento do Estado”. É essa a razão que apresenta para o PS ter chumbado na quarta-feira os projectos de lei sobre este problema, apresentados pelo PCP, pelo CDS e pelo PAN, assim como um projecto de resolução da autoria do BE.

Considerando que “o Governo tem feito um esforço notável para cobrir áreas de trabalho que estavam desprotegidas”, Maria Begonha frisa que “permanece esta lacuna – e é preciso agir já”. Isto, porque a CPAS “é um mero fundo de pensões”, em que “todos os sócios têm de pagar a contribuição mensal de mais de 250 euros, igual para todos, independentemente do rendimento que afe-



Líder da JS alerta que a situação de teletrabalho não pode significar ausência de horário de trabalho e disponibilidade permanente

**“Nesta pandemia, os advogados foram para casa porque têm filhos em idade escolar, porque os escritórios fecharam, vivem uma situação dramática”, alerta Maria Begonha**

rem”, mas “não têm qualquer contrapartida de protecção, nem subsídio de desemprego, nem de doença, nem licença de maternidade ou de paternidade”, explica a líder da JS.

“Nesta pandemia, os advogados foram para casa porque têm filhos em idade escolar, porque os escritórios fecharam, vivem uma situação dramática”, alerta Maria Begonha, que acrescenta: “Como não fazem parte da Segurança Social, não têm direito a nenhum dos apoios aprovados pelo Governo para compensar a perda de rendimentos durante o estado de emergência e agora a situação de calamidade. Mas continuam a ter de pagar mais de 250 euros por mês para a CPAS.”

Congratulando-se com o facto de

o Conselho de Ministros de quinta-feira ter aprovado o reforço dos poderes da Autoridade para as Condições do Trabalho, Maria Begonha sustenta que esse poder deve ser reforçado. A líder da JS defende que “é urgente fortalecer as barreiras legais de protecção ao trabalhador e que seja integralmente respeitado o direito a desligar”. Ou seja, as que os trabalhadores em teletrabalho possam cumprir horários.

### Direito a desligar

“Apesar do esforço que o Governo tem feito para proteger o trabalho, por exemplo, com o recurso ao *layoff* facilitado e o reforço da ACT”, Maria Begonha sublinha a preocupação da JS em que haja “actuação imediata

perante evidência de abuso ou assédio laboral”, na “fiscalização e regularização de situações em que, não existindo contrato de trabalho, há uma verdadeira relação laboral”. Assim como na “verificação do cumprimento das orientações da Direcção-Geral da Saúde, essencial para proteger os milhões de portugueses nos seus postos de trabalho”.

Outra medida aprovada pelo Conselho de Ministros que estava na agenda da JS é a integração no acesso a apoios do Estado dos trabalhadores que estão no início da carreira contributiva e nos primeiros 12 meses de inscrição na Segurança Social, que não tinham direito a subsídios.

sao.jose.almeida@publico.pt



*Só 1 euro por dia*

**TAMBÉM DISPONÍVEL DE SEXTA A DOMINGO  
EM ALMADA, BRAGA, COIMBRA E VISEU**

Aponte a câmara do seu telemóvel  
para este código e nós ajudamo-lo  
a criar a sua assinatura. Ou vá a  
[publico.pt/emcasa](http://publico.pt/emcasa)



# *Em casa, com o Público de sempre*

O seu jornal de sempre está mais perto de si.  
Agora com entregas de sexta a domingo em Almada, Braga,  
Coimbra e Viseu e ainda entregas diárias em Lisboa e Porto.  
Receba a nossa edição diária com uma assinatura mensal de 1 euro por dia.  
Todos os dias ou só ao fim-de-semana, você escolhe.  
Fique em casa com o mundo na mão

**CONTACTE-NOS**

**808 200 095 • 936 877 742 • 930 548 477**  
**[publico.pt/emcasa](http://publico.pt/emcasa)**

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DAS LINHAS DE APOIO:  
DIAS ÚTEIS DAS 9H ÀS 18H

**Público**  
**P**  
*Pense bem,  
pense Público*

# SOCIEDADE

## Morte no SEF: ucraniano esteve 15 horas manietado numa sala

Cidadão estrangeiro foi manietado com fita-cola e algemas. Foi visto assim por enfermeiros, inspectores, chefes. Ficou numa sala, preso, durante horas, com calças pelos joelhos e cheiro a urina

**Aeroporto**  
Joana Gorjão Henriques

Ihor Homenyuk, o ucraniano que morreu no Centro de Instalação Temporária (CIT) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) do Aeroporto de Lisboa, esteve manietado, numa sala, durante 15 horas, de várias maneiras: com fita-cola, ligaduras, algemas de metal.

Segundo testemunhos à Polícia Judiciária, momentos antes de morrer Ihor Homenyuk tinha as mãos atrás das costas presas com algemas de metal, além de algemas de pano. As mãos estavam roxas; os tornozelos amarrados e no corpo tinha as marcas de fita-cola; as calças estavam puxadas até aos joelhos, molhadas por urina, e assim ficou durante, pelo menos, oito horas.

Durante esse período em que esteve detido, inspectores, seguranças, enfermeiros, o médico que declarou o óbito entraram ou ficaram à porta da sala e viram-no assim.

Ihor Homenyuk morreu no dia 12 de Março, pelas 18h40. Três inspectores do SEF que foram constituídos arguidos estão em prisão domiciliária, suspeitos de homicídio qualificado.

O médico do Instituto de Medicina Legal que fez a autópsia, e alertou a PJ, referiu que a morte foi compatível com um homicídio e deveu-se a uma asfixia associada às lesões traumáticas; para isso contribuiu o facto de Ihor ter ficado durante um longo período de tempo algemado com as mãos atrás das costas, provocando insuficiência respiratória.

Já o médico que verificou o óbito – ataque cardíaco, em sequência de convulsão, depois de ter feito uma tentativa de reanimação – não viu agressões no corpo, tirando um hematoma na face; a socorrista verificou hematomas no corpo e disse à investigação que dificilmente se compatibilizavam com queda. No relatório da ocorrência não há referência a lesões.

Aliás, um dos enfermeiros que assistiram Ihor Homenyuk cerca de seis horas antes da alegada agressão fatal, e que lhe administrou medicação, incluindo um calmante, diz ter avisado dois inspectores que, “face à sua condição”, o ucraniano deveria ser conduzido a um hospital. Passavam das 2h.

O enfermeiro descreveu à PJ: de cada vez que o enfermeiro se aproximava para lhe dar a medicação, Ihor protegia a cara com os braços; tentava segui-lo quando ele se afastava, agarrando nos lençóis. Ihor tinha uma das mangas do casaco descosida, junto ao ombro, e uma escoriação do lado direito da face. Não lhe pareceu que fosse tornar-se violento quando os inspectores lhe perguntaram directamente isso.

Dois dias antes, após a sua entrada em Portugal lhe ser recusada, Ihor Homenyuk tinha tido uma convulsão e foi levado ao Hospital de Santa Maria, onde permaneceu durante a noite. Aí o médico da urgência colocou a hipótese de se tratar de um ataque de epilepsia. Regressou ao CIT dia 11 de Março, recusou-se a embarcar, mas o inspector que o acompanhou referiu que Ihor sempre se tinha mantido calmo e nunca mostrou sinais de violência.

Os enfermeiros foram chamados ao local na madrugada de dia 12 de Março porque o ucraniano estava a “bater com a cabeça nas paredes”, disseram-lhes. Segundo o relatório do SEF, ele foi colocado numa sala, a chamada “sala dos médicos do mundo”, por estar a causar distúrbios, tendo até tentado entrar na ala das mulheres.

Segundo o mesmo enfermeiro, antes de sair viu o ucraniano manietado com fita-cola nas mãos e nos pés; avisou os seguranças que, não sendo aquele material maleável, ele não poderia ficar assim. Um dos seguranças confessou à investigação ter sido ele a fazê-lo.

Na ficha da ocorrência, esta equipa médica escreveu que Ihor estava



Ihor Homenyuk morreu no Centro de Instalação Temporária do SEF no Aeroporto de Lisboa, no dia 12 de Março



**Enfermeiro que assistiu Ihor antes da alegada agressão fatal diz ter alertado para que fosse levado ao hospital**

com agitação psicomotora, com suores e pele ruborizada com pequenas escoriações na face “sem hemorragia activa”. Dizem também ter alertado para a necessidade de ir ao Serviço de Urgência, se a situação continuasse. Durante a madrugada é referida a ida ao CIT de dois inspectores, por volta das 4h/5h, para assistir Ihor, que estaria inquieto.

### Imagens de videovigilância

De manhã – período a que o mandado de detenção situa as agressões fatais por parte dos arguidos – pelo

menos mais três inspectores, entre eles um coordenador, estiveram no local.

Isso mesmo mostram as imagens de videovigilância. O coordenador até chegou ao CIT antes dos três arguidos, às 8h21. E entrou na sala onde Ihor estava manietado.

Os três arguidos chegaram por volta das 8h30 e vê-se que a sua presença na sala onde estava Ihor gerou uma movimentação de pessoas. Uns minutos depois de entrarem, o coordenador aproximou-se da porta, mas não chegou a entrar. Abando-



## Quem tem a responsabilidade da custódia de terceiros deve ter um comportamento exemplar

**Duarte Nuno Vieira**

Ex-presidente do Instituto de Medicina Legal



# “Este homem foi sujeito a tratamento cruel e desumano”

RICARDO MUSSA

ÁREA RESER

usaram ainda um bastão, “enquanto, aos gritos, lhe exigiam que permanecesse quieto”.

Foi relatado que um dos arguidos pediu à segurança que os seus nomes não constassem do registo de entrada; e disseram “agora ele está sossegado” e “hoje já nem preciso de ir ao ginásio”.

Depois de estes três inspectores terem saído, Ihor foi visto com sangue no nariz e hematomas na cara.

Nada disto é referido pelo auto de óbito do SEF, assinado por um inspector que confessou depois tê-lo visto de calças para baixo, com um cheiro a urina, a face inchada e alguns hematomas. No relatório, o inspector também dá a entender que Ihor teve um comportamento violento durante a noite e que isso levou a equipa a algemá-lo; diz que Ihor agrediu um dos seguranças com um sofá no pé.

Contraditoriamente, esta versão, repetida por vários dos colegas do dito segurança, foi negada pelo próprio – suposto agredido por Ihor – à investigação. Esse vigilante disse que tinha uma lesão no pé mas que se tinha magoado ao tentar segurar em Ihor; afirma ainda que Ihor nunca se mostrou violento para com ele, embora aparentasse não estar em posse das suas capacidades, atirando-se contra os armários e querendo arrancar as calças do ar condicionado. Este foi o mesmo segurança que confessou ter manietado Ihor com fita-cola. Na sequência deste caso, o ministro da Administração Interna, Eduardo Cabrita, anunciou que a Direcção de Fronteira de Lisboa, incluindo o director António Sérgio Henriques, foi demitida.

O CIT, onde ficam os imigrantes a quem é barrada a entrada e requerentes de asilo, está neste momento fechado e irá ter obras. Os requerentes de asilo deixarão de ali permanecer, anunciou o ministro. Está ainda a ser negociado um protocolo com a Ordem dos Advogados, mas não foi adiantado qual.

Desde que abriu, em 2000, que houve quatro mortes neste local: duas por *overdose* (os passageiros transportavam substâncias estupefacientes no organismo), uma por suicídio e o óbito de Ihor. Já ali foram instalados 63.125 cidadãos desde a abertura.

jgh@publico.pt

### Entrevista Joana Gorjão Henriques

Duarte Nuno Vieira, ex-presidente do Instituto de Medicina Legal (IML), acompanha há 16 anos o relator especial das Nações Unidas para a Tortura nas suas missões a nível internacional e aceitou comentar este caso.

**Ihor Homenyuk ficou manietado pelos menos desde as 2h até às 16h40. É prática aceitável?**

Não. Há múltiplas formas de controlo sobre as pessoas sem necessitar de as ter intensa e longamente restritas. Manobra e procedimentos de restrição intensos podem ser justificáveis num determinado momento, mas devem ser substituídas por outros contextos tão cedo quanto possível. Afigura-se estarmos perante uma situação manifestamente excessiva.

**Quais seriam as alternativas?**

Teria de saber quais as razões que justificavam o estado de agitação do senhor. Poderiam ir desde alguma medicação à colocação em sala adequada de isolamento onde não precisasse de estar restringido – tem de haver salas adequadas para isto nestes locais.

**Um enfermeiro que o assistiu aconselhou o SEF a levá-lo ao hospital...**

Sempre que um profissional de saúde qualificado assinala um problema de saúde a necessitar de cuidados médicos, é obrigação de quem tem a custódia da pessoa proporcionar tal observação e cuidados com a brevidade possível. **Esse enfermeiro disse que cada vez que se aproximava para lhe dar medicação, ele fazia o gesto de proteger a cara com as mãos...**

Trata-se de um claro gesto de defesa, sugestivo de que estava com receio de ser agredido e que faz pensar que tal já lhe teria sucedido

reiteradamente. Não dominava a língua portuguesa e, ao ver alguém aproximar-se, assumia essa atitude de defesa, pensando que iria ser novamente ser agredido. É sinal muito consistente com a circunstância de estarmos perante alguém que está a ser vítima reiterada de agressões.

**Depois das alegadas agressões mortais pelas 8h30, descreve-se que Ihor estava com as calças para baixo, com um cheiro a urina. Como comenta?**

É manifestamente inaceitável. O que a Convenção Internacional dos Direitos Humanos estipula é que ninguém será submetido a tortura ou a outros tratos cruéis, desumanos e degradantes. Ter alguém nessa situação, manietado, com as calças para baixo, no contexto que descreve e com esse cheiro nauseabundo, fazendo as suas necessidades no local, é desde logo – no mínimo – um trato cruel, desumano e degradante. É inaceitável em qualquer circunstância, para alguém que se encontra sob custódia e numa situação manifesta de indefesa. É uma violação das normas internacionais.

**E quem vê e não providencia cuidado?**

É também um comportamento censurável. Revela falta de respeito pela dignidade da pessoa humana e de sensibilidade em termos de promoção e protecção dos direitos humanos. Quem tem a responsabilidade da custódia de terceiros deve ter um comportamento exemplar.

**O médico refere que não viu lesões no corpo, a verificação de óbito refere que cada vez que se aproximava para lhe dar medicação, ele fazia o gesto de proteger a cara com as mãos...**

Se a autópsia revelou lesões traumáticas na superfície corporal, externa em zonas que se encontravam expostas, e que não foram produzidas após a morte,

houve obviamente uma falha. E não se pode assinalar morte natural sem ter feito um exame adequado do corpo susceptível de suscitar outras possibilidades.

**Como perito, o que indiciam estas questões?**

Parecem evidenciar falhas sucessivas e a diversos níveis: falha relativamente a medidas de contenção de pessoa detida; falhas no acompanhamento que devia ser prestado a essa pessoa; alguma eventual superficialidade na observação do corpo aquando da verificação do óbito, ao não serem analisadas lesões relevantes. Parece ter havido falhas a diversos níveis.

**Por que é que isto acontece?**

É uma pergunta que nos faz pensar. Não é aceitável que nada do que descreve aconteça. E nomeadamente também na afirmação de morte natural. Falta de formação das pessoas envolvidas? De sensibilização para estas problemáticas? As verificações e certificações de óbito em situações de custódia devem ser feitas por médicos com treino muito especial na identificação de potenciais sinais sugestivos de abusos e maus tratos.

**Como é que este homem foi tratado?**

Terá sido, no mínimo, submetido a tratos cruéis, desumanos e degradantes. Ter alguém nessa situação, manietado durante horas sucessivas, a ter que fazer as suas necessidades pelas pernas abaixo, com indicação de necessitar de observação médica e sem a mesma ter sido proporcionada é, indiscutivelmente, uma violação das normas internacionais.

**Quem deve ser responsabilizado?**

Quem tiver tido a responsabilidade pela custódia do senhor e todos aqueles que, tendo, eventualmente, tido conhecimento do que se estava a passar, nada fizeram.

nou as instalações do CIT minutos depois. Vários dos quatro vigilantes desse turno, mais pelo menos dois outros que ficaram além da sua hora de saída, dirigiram-se frequentemente à sala.

Dois outros inspectores do SEF, um homem e uma mulher, estiveram igualmente junto à porta durante aquele período.

Segundo o mandado de detenção os três arguidos entraram na sala, algemaram Ihor atrás das costas, amarraram os cotovelos com ligaduras, deram-lhe socos e pontapés e

# Poluição do Douro a níveis de 1985: até já se pode ir a banhos

**Adriano Bordalo e Sá** Hidrobiólogo do ICBAS está a estudar os efeitos da pandemia no Douro e já descobriu sinais de SAR-Cov-2 no esgoto bruto. Resultados podem espelhar realidade nacional

## Entrevista Mariana Correia Pinto

Os esgotos brutos dos municípios ribeirinhos do estuário do Douro, Porto, Gaia e Gondomar, apresentam sinais de informação genética do SAR-Cov-2. O hidrobiólogo Adriano Bordalo e Sá, estudioso do Douro há 35 anos, não sabe ainda se o vírus está ou não vivo. Mas acredita que o estudo dos esgotos “pode ajudar a prever a segunda vaga de pandemia de covid-19”. No laboratório de Hidrobiologia do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), as últimas semanas têm sabor agriçoce. Se a presença do vírus pode ser um alerta, a análise da qualidade da água trouxe “notícias fantásticas”: a contaminação fecal no Douro baixou e ir a banhos deixou “tendencialmente” de ser problema. Pelo menos, para já. Uma conversa sobre a maior bacia hidrográfica da Península Ibérica, erros repetidos, o lado negro do turismo, a medicina centrada nos humanos e a “hipocrisia” da vacina como solução universal: “Não haverá nunca capacidade para produzir oito mil milhões de doses. As disponíveis serão prioritariamente para quem?”

**Ao estudar os efeitos do SAR-Cov-2 no rio Douro, o que espera a equipa do ICBAS encontrar?**

Avaliamos mensalmente a qualidade da água do rio Douro há 35 anos e conhecemos a sua dinâmica física, química, biológica e microbiológica. Há estudos nos Países Baixos, nos EUA, na França e, obviamente, na China, que procuraram responder a uma pergunta: se o vírus se aloja no sistema respiratório, no fígado e nos intestinos, será que as pessoas o excretam? Quando surgiram os primeiros casos de covid-19 em Portugal, decidimos olhar para isso.

Os dados dos “primos” deste novo coronavírus, o SARS original e o MERS, foram estudados há 20 anos e demonstrou-se que uma das formas de potencial contaminação era a via fecal-oral. Ou seja: o que sai pelas fezes é reintroduzido no corpo através da boca.

**De que forma?**

Ao pegarmos nos alimentos por lavar, ao tocar em água contaminada... Há milhares de milhões de pessoas em todo o mundo sem acesso a água potável. Até agora, as vias de contaminação identificadas são as gotículas – daí as máscaras – e as superfícies – daí a desinfecção. Se uma pessoa contaminada, sintomática ou assintomática, defeca e as fezes vão para os esgotos, o que acontecerá? Em Portugal, temos ainda parte do esgoto urbano a ir parar às linhas de água, não passando pelas ETAR. Já descobrimos que no esgoto bruto há sinais do SAR-Cov-2. Sinais da presença do RNA, o ácido nucleico, onde o vírus tem a sua informação genética. Ainda não conseguimos saber se o vírus está vivo ou não. O sinal existe, mas, se não estiver vivo não, é directamente infeccioso.

**Se estiver vivo, como poderia infectar através da água do rio?**

O estudo está planeado até fim de Julho e, sem mais dados, ainda é impossível responder. É importante dizê-lo, para não haver alarmismos. O vírus é um ser vivo porque quer manter-se vivo. E por isso infecta. Não é um ser celular, como nós, uma bactéria ou uma planta, é acelular. De uma forma carinhosa, digo aos meus alunos que os vírus são filhos de um deus menor: querem manter-se vivos, combater a entropia e passar informação genética para se reproduzir. Para isso, usam outros seres vivos para se reproduzir. Temos de aprender a viver com eles. Este ou outros. Mas, para isso, temos de conhecê-los do ponto de vista genético e de funcionamento e saber como se



comportam no ambiente. Se desenvolvermos a área da epidemiologia baseada nos esgotos, conseguimos prever e melhorar a forma como lidamos com estes agentes patogénicos.

### O que revelam os estudos internacionais?

Os franceses encontraram uma clara relação entre a quantidade desta informação genética do vírus no esgoto bruto e o número de infectados. Os holandeses detectaram a presença do RNA do vírus antes de as autoridades de saúde terem sinalizado o primeiro doente.

### Esses dados podem ajudar a prever uma segunda vaga da pandemia?

Veremos se a informação que estamos a recolher pode ser utilizada como alerta precoce no caso de uma segunda vaga. Isto poderá dar indicações preciosas

para prepararmos uma acção atempada. Os esgotos e águas são sempre um sinal do que se passa nas cidades... Apesar da tradição católico-judaico-muçulmana incutir uma repulsa em relação àquilo que sai do interior do nosso corpo, o estudo dos esgotos permite perceber como as sociedades e zonas urbanas vivem. Estudos realizados no ICBAS demonstram, por exemplo, que no estuário do Douro há *hotspots* de cafeína, Voltaren e ansiolíticos. E esses *hotspots* correspondem às zonas mais contaminadas do estuário porque recebem as águas de afluentes de rios e ribeiros que lá desagüam. Isto revela como os esgotos espelham o funcionamento das cidades. Há 100 anos, não havia antibióticos e os esgotos foram a solução para muitas doenças infecciosas de origem bacteriana. Não estou a dizer que, neste caso,

encontraremos no esgoto bruto a vacina – da qual se fala com muita hipocrisia –, mas, se entendermos a dinâmica dos esgotos, percebemos melhor o problema.

### Quem será vacinado?

#### A solução da vacina é hipocrisia porquê?

A Organização Mundial de Saúde repetiu o “testar, testar, testar”. Mas devia ser “temos de aprender a conviver, temos de aprender a conviver, temos de aprender a conviver”. A questão da vacina tem sido utilizada pelos políticos como a solução para voltar à vida normal. Primeiro, a farmacêutica que sair primeiro com a vacina – não sei se vai ser patenteada, mas já vimos como certo Presidente quis adquirir os direitos só para ele –, vai ter uma quota de mercado muito importante. Por outro lado, temos oito mil milhões de pessoas no

NELSON GARRIDO



A cólera afecta todos os anos mais de um milhão de pessoas, mas não interessa porque não acontece às nossas portas...

**Enquanto foi um problema na China, também poucos se preocuparam com a covid-19...**

Desvalorizámos. Considerou-se que era muito longe e estaria confinado. Pensávamos estar imunes, especialmente na Europa. Esqueceram-se de que, com a globalização e a ordem económica vigente, as fronteiras são porosas. Foi via transporte aéreo que o vírus foi disseminado, através das pessoas. Não veio numa mala ou num caixote oriundo da sede do PC chinês.

**Aprender a lidar com o vírus é aquilo que já estamos a fazer?**

Em parte, sim. Há países mais centrados na imunidade de grupo, como a Inglaterra ou a Suécia. Embora o vírus seja o mesmo, as condições são muito diferentes. Conviver com o vírus na Europa ou em África é diferente. Ainda é cedo para um plano milagroso de convivência. No ICBAS, pomos em prática o conceito de *One Health*/"Uma Saúde". Temos de olhar para a saúde nas suas componentes ambiental, animal e humana. Ao contrário do que certos teóricos da conspiração e aprendizes de políticos de países poderosos dizem, este coronavírus é uma zoonose, doenças em que os reservatórios são os animais. Ou seja, um agente infeccioso que está em animais, concretamente morcegos, a quem o vírus fez apenas festinhas, e depois directa ou indirectamente passou para o homem. Por isso se fala tanto na barreira da espécie, apesar de partilharmos 90 e muitos por cento do material genético com o morcego. Estas situações serão cada vez mais frequentes.

**Porquê?**

Estes organismos querem manter-se vivos e verificam que nós, humanos, subjugados ao poder mundial do dinheiro, descuramos muitos aspectos. Estamos sistematicamente a baixar a guarda e estes seres vivos aproveitam. O reforço do SNS é fundamental. Quando alguns pensam que a via é cortar as gordurinhas do Estado, temos aqui a resposta. A tragédia dos EUA é o exemplo do falhanço das políticas neoliberais em que o

Estado se demite de assegurar um direito fundamental: o direito a estar vivo.

**Em relação à qualidade da água, o que mostra o vosso estudo?**

Há dois aspectos muito importantes, reflexos directos de dois meses de confinamento forçado e da desactivação da economia. Houve muito menos movimento rodoviário e de navios. A economia não parou, mas está muito parada. Nestes dois meses, Março e Abril, comparando com os mesmos períodos dos últimos dez anos, houve uma redução de 10 a 30%. Até à pandemia, falava-se na descarbonização da economia. A UE descobriu que descarbonizar até é bom porque pode taxar. Mas conseguimos esta redução tendo apenas mais pessoas em casa e sem qualquer outra medida de descarbonização ou taxando seja o que for. Era extremamente importante que não a deixássemos ficar fora de controlo.

**Esgotos para o rio**

**A subida será inevitável com o desconfinamento...**

Haverá subida novamente, com a saída dos carros à rua. O rio, como o esgoto, é também um indicador claro de como as urbes funcionam. Por agora, temos uma redução do teor em dióxido de carbono na água. E a própria água do estuário apresenta indicadores de contaminação idênticos a 1985. Estamos a fazer avaliação diária, com uma equipa de seis pessoas apenas. Houve redução da contaminação no estuário do Douro de 3,5 vezes. Em termos de contaminação fecal, o indicador que determina se a água está apta ou não para banhos, temos valores de qualidade muito bons. Ainda estamos longe da bandeira azul, mas a qualidade é tendencialmente compatível com banhos.

**Isso é resultado directo do confinamento?**

Através dos três municípios ribeirinhos do estuário [Porto, Gaia e Gondomar], são drenadas cerca de 50 linhas de água. Um são temporárias, outras só estão activas quando chove. Mas, infelizmente, as que drenam 365 dias por ano estão fortemente contaminadas.

**Isso é responsabilidade de quem?**



**Veremos se a informação que estamos a recolher pode ser utilizada como alerta precoce no caso de uma segunda vaga. Poderá dar indicações preciosas para prepararmos uma acção atempada**

Posso não responder a isso? [risos].

Parte dos esgotos urbanos não passa pelas ETAR. É uma parte reduzida, mas é uma realidade. Com o confinamento, os milhares e milhares que vinham trabalhar para os centros urbanos deixaram de o fazer. E as casas de banho passaram a ser usadas apenas pelos residentes. Nos municípios ribeirinhos, em termos médios, cada pessoa consome algo como 100 litros de água por dia. Desses, 80 transformam-se em esgoto. Parte vai para as ETAR, mas outra, mais pequena, segue para as linhas de água. Como não há aquela massa de gente flutuante, trabalhadores e estudantes por exemplo, nem milhares de turistas, temos menos esgoto. E não temos também as dezenas de barcos turísticos no estuário do Douro. E sobre isso não digo mais nada.

**O peso do turismo é grande?**

O presidente da Câmara do Porto não vai gostar de ler, mas tem de ser dito: o turismo tem de ser sustentável. E a água e os esgotos são parte integrante disso. O turismo "pé-descalço", da Ryanair e da Easyjet, traz gente que come no McDonald's. A quantidade não faz a riqueza. Fruto do confinamento, da menor produção de esgoto bruto e do desaparecimento dos turistas, o Douro agradeceu e, neste momento, estamos com uma qualidade semelhante a 1985, quando não havia turismo nem redes de saneamento. Estamos no bom caminho.

**E como nos mantemos nele?**

Podemos continuar a melhorar se

os decisores políticos adoptarem medidas sérias e envolverem os cientistas. Há exemplos lá fora. É preciso aproveitar a mão que a natureza nos deu e continuar com medidas que conduzam à manutenção desta tendência. Quando tivermos um estuário despoluído, teremos menos contaminação na zona costeira – e assim se melhora o ambiente. São decisões políticas.

**E o que está nas nossas mãos?**

Nos últimos anos, dizem-nos para poupar água. Tanto que alguns entenderam que nem sequer tinham de lavar as mãos ou puxar o autoclismo. Há bastante hipocrisia nisto porque, em Portugal, 80% dos consumos de água são na irrigação da agricultura. O que está indirectamente nas nossas mãos é a escolha dos nossos políticos locais e nacionais em eleições. Mas os decisores políticos têm de ser conscientes. Temos um problema de qualidade, e isso foi esquecido. **Os planos de ordenamento dos estuários que delineou há dez anos estão na gaveta. Há algum sinal, da parte do Governo, de que possam ser retomados?**

Com esta quase paragem da sociedade, penso que não será considerado prioritário. Na perspectiva de "Uma Saúde", a sociedade tem muito mais a ganhar com um ambiente sustentável. A destruição dos *habitats* naturais e o avanço dos humanos para zonas de floresta tropical amplificam futuros surtos. O morcego que deu origem à covid-19 não vive na cidade – os homens é que foram lá. Ou destruíram o ambiente e ele teve de adaptar-se ou levaram-no para alimentação. Estamos a pôr-nos a jeito para futuros surtos e epidemias.

**Voltando à qualidade da água: estes resultados obtidos no Douro podem ser semelhantes noutros rios, nomeadamente no Tejo?**

Com todas as cautelas, mas tendo em conta também os dados de outros países europeus, isto é um sinal que poderá espelhar o que se passa em todo o país. Está nas nossas mãos evitar que aquilo que de bom aconteceu com a tragédia da pandemia volte a piorar.

mundo: não haverá nunca capacidade para produzir oito mil milhões de doses. As disponíveis serão prioritariamente para quem? Políticos? Pessoal de saúde? Ou para os mais ricos? Basear o planeamento na existência de uma vacina não vai funcionar. Daí a importância de aprender a viver com este vírus e com os outros que estão na calha. Estou preocupado com o facto de muitas crianças em Portugal estarem a ser menos vacinadas. E ainda mais com o que se passa nas zonas mais pobres, como África: a UNICEF suspendeu as campanhas de vacinação contra a poliomielite porque não tem recursos nem aviões para transportar as vacinas. As outras doenças não desapareceram: estão ofuscadas com a quantidade de recursos para combater a pandemia. Dessas não se fala porque não atingem o mundo rico.

mariana.pinto@publico.pt

# ECONOMIA

# Supervisor da UE contra lavagem de dinheiro decidido em Portugal

Bruxelas propõe a criação de supervisor supranacional. Plano chega no rescaldo dos *Luanda Leaks*. Solução final será apresentada pela Comissão aos governos durante a presidência portuguesa

**Política fiscal**  
**Pedro Crisóstomo**

Embalada pelos escândalos fiscais e financeiros dos últimos anos, do Danske Bank aos *Luanda Leaks*, a Comissão Europeia desvendou na última semana um novo plano de acção para reforçar a luta contra a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo.

Do pacote anunciado em Bruxelas salta à vista uma proposta para criar um supervisor a nível europeu que supra as falhas das autoridades nacionais não só em relação aos bancos, mas também relativamente às entidades não-financeiras, sobre as quais poderá vir a ter um papel de supervisão indirecta. Mas ainda há muitas incógnitas em relação ao desenho desta nova autoridade.

Ainda não se sabe se será um organismo autónomo, construído de raiz, ou se será erigido a partir da Autoridade Bancária Europeia (EBA). Os prós e contras das duas hipóteses ainda estão a ser assimilados pela Comissão Europeia e só no primeiro trimestre de 2021 é que o executivo europeu vai propor uma solução definitiva.

O guião está sob consulta pública até 29 de Julho, seguem-se vários meses de trabalho e só depois é que a proposta será apresentada aos Governos e ao Parlamento Europeu. Vai coincidir com o momento em que Lisboa estará com a presidência portuguesa do Conselho da União Europeia.

Com vários pormenores por clarificar, o braço da Transparency International em Bruxelas considerou o plano “grande em generalidades e pequeno em detalhes”. E como a possibilidade de atribuir poderes de supervisão à EBA “ainda está em cima da mesa”, esse é um cenário que, para a Transparency International, “difícilmente” pode ser considerado “credível à luz das revelações” de que “o conselho da EBA tentou encobrir possíveis violações da lei pelos Estados-membros no caso Danske Bank”, um escândalo que envolveu a sucursal estónia deste banco dinamarquês, usada por



Portugal assume presidência da UE em Junho de 2021

VINCENT KESSLER/REUTERS

6200 clientes para concretizar transacções suspeitas e de lavagem de dinheiro.

A partir do Parlamento Europeu, o eurodeputado alemão democratacristão Markus Ferber defendeu, citado pela Reuters, que “as competências devem ser simplificadas num organismo autónomo europeu”, por considerar que este “é o tipo de problema que exige uma agência da UE” centrada nesta questão.

Se o esquema de fraude financeira CumEx na Alemanha, o escândalo do Danske Bank ou a retirada da licença bancária ao Pilatus Bank de Malta já tinham pressionado a Comissão Europeia a reagir, as implicações dos *Luanda Leaks* em Portugal, Malta, Chipre ou Países Baixos vieram subir a parada.

O próprio texto da Comissão refere que os “casos recentes de lavagem de dinheiro revelados” pelas investigações jornalísticas evidenciam “as falhas de supervisão sobre as entidades não-financeiras” (como as consultoras) e alerta que, quando uma autoridade nacional falha, isso cria “riscos para todo o mercado único” — e, com isso, é a UE que, como um todo, “sofre danos financeiros, económicos e reputacionais”.

## As unidades financeiras

As propostas da Comissão, construídas à volta de seis orientações, não trouxeram grandes surpresas em relação ao plano de acção já apresentado em Julho de 2019. E, desses seis tópicos, três correspondem a projectos que só serão apresentados no próximo ano.

Além da questão do supervisor, fica no guião que Bruxelas apresentará no primeiro trimestre de 2021 um “mecanismo” para reforçar a cooperação entre as Unidades de Informação Financeira (UIF) que existem em cada um dos Estados-membros (as autoridades que identificam e, nalguns casos, têm poderes para travar transacções suspeitas, como aconteceu em Portugal quando o general angolano Leopoldino Fragoso do Nascimento tentou transferir dez milhões de euros para a Rússia de uma conta no BCP).

Neste momento, as autoridades

nacionais têm poderes para agir quando bancos, revisores oficiais de contas, advogados, imobiliárias ou quaisquer outras entidades obrigadas à prevenção do branqueamento de capitais violam as regras. Só que, embora haja regras comuns, elas nem sempre são aplicadas de forma idêntica e, por isso, a Comissão Europeia quer criar “um conjunto de regras mais harmonizado”. Plano que também será conhecido algures nos primeiros três meses de 2021.

Para a ex-eurodeputada Ana Gomes, que foi vice-presidente da comissão especial dos *Panama Papers* e participou na elaboração de vários relatórios e missões sobre combate aos crimes financeiros, a proposta do executivo comunitário ainda é incipiente. Embora considere que a Comissão toca em vários aspectos importantes já levantados pelo Parlamento (“até nos vistos *gold*, embora seja frouxa”), lamenta que “não seja mais incisiva”, por exemplo, apresentando já uma proposta aos Estados-membros para viabilizarem uma Unidade de Informação Financeira europeia. “Há unidades com poder de intervenção jurídico e criminais, como é o caso da nossa (embora tenha falta de meios e de procedimentos), mas há algumas que são meras comissões administrativas”, refere.

Bruxelas coloca a tónica na necessidade de aumentar o grau de cooperação entre essas unidades. Internamente, a cooperação entre as autoridades é outro dos desafios. Há cinco anos, a OCDE referia a importância de as administrações fiscais e as UIF cooperarem entre si, na troca de dados, em particular para que as autoridades fiscais conheçam as informações sobre as operações suspeitas que são comunicadas às UIF nacionais. As autoridades tributárias, vincava a OCDE, “têm um papel fundamental não apenas na identificação da evasão fiscal, mas também na identificação e no reporte de suspeitas de outros crimes graves, como suborno, corrupção, branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo”.

pedro.crisostomo@publico.pt

# O arrendamento depois da covid-19



## Opinião Romão Lavadinho

Este artigo aborda a relação do Alojamento Local (AL) com o mercado de arrendamento e a necessidade cada vez mais evidente de revogar a legislação existente e elaborar outra que regule este mercado.

As consequências da covid-19, sociais e económicas, o confinamento, primeiro, o estado de emergência, depois, vieram pôr a nu as fragilidades, a insegurança e a desregulação do mercado de arrendamento.

O Alojamento Local (AL) surge como resposta a problemas socioeconómicos que a *troika* provocou a muitas famílias, deixando-as à beira da insolvência.

Muitas delas viram no AL a possibilidade de ceder um quarto ou parte de casa para conseguir alguma verba que lhes desse a possibilidade de resistir a tamanha tragédia que então se vivia.

A dinamização do AL e a sua procura por uma significativa parte de turistas não foi inicialmente bem recebida pelo setor hoteleiro, por considerarem haver conflito de interesses, situação que veio a ser ultrapassada devido à elevada dimensão que o setor turístico atingiu posteriormente. Esse aumento muito significativo do turismo também influenciou o desenvolvimento do AL, que é alvo de uma grande procura por parte dos turistas em geral.

Em resultado da pandemia, foram tomadas várias medidas necessárias que implicaram em confinamentos e numa enorme redução de movimentação das pessoas. Em consequência, o turismo em geral entra em crise e com fortíssima incidência no turismo de habitação, o designado AL.

Assim, evidenciam-se as fraquezas deste negócio montado apressadamente, ocasional e sem a mínima estrutura profissional e económica para resistir ao menor embate, quanto mais a um embate da dimensão provocada por esta



pandemia e a uma drástica redução deste turismo de agenda e de monocultura económica em muitas cidades.

Eis, portanto, uma súbita e também apressada tendência para se alterar o uso turístico do Alojamento Local para o arrendamento habitacional, de que muitos apartamentos tinham sido retirados, de modo a que os operadores turísticos mantenham algum rendimento dos seus locados.

Realçamos três aspetos deste novo desvio de uso turístico (AL) para o arrendamento habitacional que nos levam a refletir.

O primeiro respeita à qualidade da reabilitação efetuada e à dimensão dos apartamentos desviados para o uso turístico, cujo único critério era o de por a render o mais depressa possível. Quem esteve atento a este fenómeno sabe que muita da reabilitação efetuada foi apressada e de pouca qualidade, disfarçando e tapando mazelas estruturais e funcionais dos apartamentos, utilizando em larga escala materiais pouco resistentes, coisa de pouca monta para os turistas que iriam utilizar,



**A covid-19 revelou as fraquezas do alojamento local, um negócio sem a mínima estrutura para resistir ao menor embate**

sucessivamente, umas breves noites esses espaços. O que se pretendia era faturar o mais rapidamente, e o máximo possível, aproveitando o surto turístico.

O segundo respeita à dimensão dos locados, sabendo-se que muita dessa reabilitação alterou as funcionalidades e as dimensões dos apartamentos, reduzindo-os para acolherem mais turistas, não se preocupando com as necessidades de uma família com uma vivência quotidiana mais prolongada, além da qualidade do locado para esta forma de utilização. Se o espaço de uma casa já era de grande importância para a vivência de uma família, agora tem uma importância acrescida face ao confinamento em que somos obrigados a viver neste período. Portanto, como muitos dos apartamentos destinados ao alojamento turístico não oferecem as necessárias condições espaciais, número e dimensão de quartos e salas, e funcionais, cozinhas e casas de banho, ir-se-á colocar para muitos uma nova intervenção nos apartamentos de forma a torná-los habitáveis para as famílias. O que não significa não haver a necessária diversidade da oferta para a diversidade da procura.

O terceiro, e o mais importante, respeita às condições e preço do arrendamento que estes novos senhorios se propõem praticar. Em primeiro lugar, se esta disponibilidade não será apenas momentânea e de curto prazo mantendo a expectativa de retornar à atividade turística logo que possível ou se, em segundo lugar, será mesmo uma opção séria de alteração de uso. O que nos coloca, então, as condições contratuais e o valor das rendas. Quanto à relação contratual, importará verificar se

continuará a estar assente numa utilização de natureza diária, sem qualquer compromisso, ou se será assente num contrato de arrendamento escrito, por um prazo razoável que garanta estabilidade ao inquilino e rendimento certo e prolongado ao senhorio e manifestado na Autoridade Tributária. Quanto às rendas, importará verificar se terão valores comportáveis ou se manterão valores assentes na especulação. Mesmo que baixem alguma coisa, convém ter presente que os rendimentos de muitas famílias também se reduziram. Portanto, essa relação poderá manter um caráter especulativo.

Considerando o exposto, poderemos afirmar que o mercado de arrendamento, ou qualquer outro, não se autorregula. Pelo contrário. Logo, tem de ser regulado e fiscalizado, e deveria sê-lo em primeira linha pelos municípios.

Verifica-se uma carência de habitação pública, uma ausência e atraso de medidas que disponibilizassem muita da

propriedade pública existente para a sua utilização no arrendamento, em vez da sua alienação.

Releva a necessidade de constituir bolsas para arrendamento, alocando propriedade pública, numa primeira fase, e agregar depois propriedade não pública, por exemplo de IPSS e fundações.

Por fim, realçamos uma vez mais a urgência em revogar a legislação do arrendamento, desadequada e avulsa, e discutir e elaborar uma nova legislação que regule o mercado de arrendamento, que obrigue ao registo em plataforma eletrónica de todos os locados destinados ao arrendamento, os já arrendados e os disponíveis, que garanta segurança e prazos razoáveis para o arrendamento e a sua continuidade, que introduza uma fiscalidade adequada a esta atividade económica e social, em suma, que credibilize e estabilize o mercado de arrendamento.

**Presidente da Associação dos Inquilinos Lisbonenses**



CAPITÃO DE MAR E GUERRA

**FERNANDO DE ALMEIDA CAVACO**

Sua mulher, filha e restante família participam o falecimento do seu ente querido, no passado dia 09 de Maio de 2020, e que o funeral se realiza hoje (Dia 10) pelas 13:00 horas para o cemitério da Olivais. Agradecendo deste modo a todos que o acompanharam ao longo de sua vida.

P.N. - A.M.

AGÊNCIA FUNERÁRIA PEDRA  
Telf. 2193 969 936

## CULTURA

# O genial e exuberante arquitecto do rock'n'roll

**Little Richard (1932-2020)** Pioneiro do rock'n'roll, representou como poucos a sua faceta rebelde, excêntrica, marginal. Criou em canções como *Tutti-frutti* os alicerces do género

## Obituário Mário Lopes

A forma energética de atacar o piano, usado como arma percussiva, a forma febril como cantava e a exuberância com que se apresentava em palco fizeram dele uma estrela. Estrela se tornou, instantaneamente, quando, em 1955, editou *Tutti-frutti*, o primeiro de muitos êxitos que ganharam estatuto de verdadeiros *standards* do rock'n'roll, alicerces sobre o qual todo o género se construiu.

Nascido Richard Wayne Penniman a 5 de Dezembro de 1932 em Macon, na Georgia, imortalizou-se enquanto Little Richard. Morreu ontem, aos 87 anos, confirmou o seu filho, Danny Penniman, à *Rolling Stone*, sem revelar as causas da morte.

Entre 1955 e 1957 lançou uma sequência imbatível de clássicos – *Tutti-frutti*, *Long tall Sally*, *Rip it up*, *Good golly miss Molly*, *Rit it up*, *Slippin' and slidin'*, *Send me some lovin'* – e, enquanto percorria os Estados Unidos para cumprir uma agenda de concertos torrencial – no auge, Little Richard e a sua banda suporte, os Upsetters, tocavam sete dias por semana, ocasionalmente três concertos por dia – desencadeou um verdadeiro tumulto geracional que extravasou em muito as fronteiras do seu país. Em Lisboa, quando um dos pioneiros do rock português, Joaquim Costa, o Elvis de Campolide, registou em 1959 duas canções em acetato (que só conheceriam edição oficial cinco décadas depois, em 2008), fê-lo cantando *Rip it up* e aquele inconfundível “*wop bop a loo bop a lop boom boom*” de *Tutti-frutti*. No início dos anos 60, quando Little Richard actuou no Star Club, em Hamburgo, teve como banda de abertura um quarteto inglês formado por fãs devotos do seu

trabalho – chamavam-se Beatles.

A sua música não era apenas o som, obviamente. Era a forma como Little Richard a interpretava e lhe dava corpo saltando sobre o piano, poupa a abanar e a maquilhagem e as roupas cintilantes a brilhar sob os holofotes. Era a forma como canalizava um espírito novo cantando com fervor quase demencial, olhos pintados e muito abertos, versos pontuados de energias interjeições, gritos uivados, alusões sexuais a espreitar a cada dobrar da batida.

“Ele libertou as pessoas das suas inibições, libertou-lhes o espírito, tornando possível que fizessem exactamente o que lhes apetecesse”, escreveu o seu biógrafo Charles White em *The Life and Times of Little Richard* (1984). Como ali afirmava Chuck Connor, baterista dos Upsetters, a sua banda suporte, “para os miúdos, olhar simplesmente para Richard já era qualquer coisa. Nunca tinham visto um homem assim, com o cabelo comprido e toda aquela maquilhagem, a abanar a cabeça daquela maneira”.

### Demolir a barreira racial

O feito de Little Richard naqueles anos fundadores torna-se ainda mais impressionante se tivermos em conta o contexto. Nos conservadores anos 50 americanos, nuns Estados Unidos profundamente segregados, Richard punha brancos e negros a dançar juntos nos seus concertos, mesmo no Sul do país, onde a segregação era mais violenta e o racismo mais explícito. “Estávamos a demolir a barreira racial”, conta na biografia. Ainda assim, “os miúdos brancos tinham de esconder os meus discos, porque não se arriscavam a que se soubesse que os tinham em casa”. Não por acaso, as versões anódinas que o *crooner* branco Pat Boone registou de canções suas



“**Ele libertou as pessoas das suas inibições, libertou-lhes o espírito**”

Charles White  
Biógrafo

suplantaram os originais nas tabelas de venda. Não por acaso os pioneiros Little Richard e Chuck Berry viram-se suplantados por Elvis Presley, que chegou pouco depois, enquanto rosto e espírito da explosão rock'n'roll.

Little Richard afirmou que a sua figura pública se tornou ainda mais excessiva e exuberante como forma de lidar com as tensões sociais que a reacção à sua música expunha: “Decidimos que a minha imagem tinha que ter algo de louco e ser absolutamente excêntrica, de forma a que os adultos me julgassem inofensivo”. Poderá ter sido assim, mas terá sido mera ampliação de algo que já vivia nele, no homem que se preparou longamente para uma aparição tão explosiva quanto fugaz. Em 1955 lançou o *single* que marcou o arranque de tudo e no

ano seguinte desapareceu de cena, abandonando discos e palco para se dedicar a estudos religiosos.

O impacto foi tão grande, porém, que aqueles três anos se prolongaram no tempo, tocando geração após geração: os Beatles, que gravaram várias das suas canções; Elton John, que decidiu que seria pianista depois de o ver e ouvir; David Bowie, que equiparou a primeira audição de *Tutti-frutti* a ouvir a voz de Deus; Lou Reed que afirmava que, ao deparar-se com Little Richard, decidiu “que queria ir onde quer que estivesse aquele som e fazer disso vida”; Prince, que bebeu inspiração na forma como se definiu visualmente na androginia de Richard – “eu já vestia púrpura antes de ti”, disse Richard certa vez, de forma amistosa, ao músico que considerava seu sucessor –; os AC/



HIROYUKI ITO/GETTY IMAGES

homossexualidade do filho –, encontrou refúgio junto de um casal, dono de um clube local, o Tick Tock Club, que o adoptou e lhe ofereceu o seu baptismo de palco.

Aquele casal branco, diria mais tarde, foi o responsável pelo seu amor pelas pessoas, independentemente de origens, cores ou classe – “trataram-me bem e respeitaram-me, quando ninguém o fizera antes” (*Miss Ann*, um dos seus clássicos, é dedicado à mulher que o acolheu).

### Entre sagrado & profano

A noção de espectáculo, retirou-a de uma adolescência em que acompanhou grupos de *vaudeville*. O caldo musical em que cresceu, em que conviviam o gospel, o rhythm’n’blues, a country e o ritmo acelerado do boogie woogie, bem como a atenção com que seguia as lições de Sister Rosetta Tharpe e de Fats Domino, pianista essencial nas fundações do rock’n’roll, deram-lhe a matéria com que moldou as suas canções. O resto, que era muito, estava nele próprio.

Passou a primeira metade dos anos 1950 enquanto jovem esperança da editora RCA, que tentou domá-lo num formato convencional de rhythm’n’blues. Já desligado da editora, ganhava a vida a lavar pratos no restaurante de uma estação rodoviária quando o chamam desde Chicago. A Specialty Records entusiasmara-se com uma canção que lhes enviara, uma de várias que compusera enquanto executava o trabalho mecânico no restaurante. Chamava-se *Tutti-frutti*. Durante meses, aprimorou com músicos rodados de Nova Orleães e com o produtor Robert “Bumps” Blackwell os pormenores daquele novo som – o “qualquer coisa” que ele sabia que tinha, assim o descreveu, mas que não sabia como utilizar.

Amigo de infância de Otis Redding e de James Brown, admirado por Sam Cooke e Ray Charles, patrono de Jimi Hendrix, que faria parte da sua banda de palco, Little Richard liderou com Chuck Berry o furacão rock’n’roll a que se juntaram rapidamente Carl Perkins, Elvis Presley ou Gene Vincent. Em 1957, tão rápido como surgira, desapareceu de cena. Um

sonho apocalíptico durante uma digressão australiana mostrou-lhe, explicou, que era tempo de se devotar a Deus. Quando regressou aos discos, em 1959, com um álbum gospel, já fora ordenado pastor. Em 1964 voltaria ao rock’n’roll, mas num mundo diferente – os Beatles e os Rolling Stones, que muito admirava, haviam-no transformado irremediavelmente.

Os discos que editou a partir de então não mais repetiriam o sucesso anterior, mas a aura mantinha-se. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos, acompanhava e apoiava os novos sons e a forma como a geração seguinte à sua, a do psicadelismo e do *flower-power*, se opunha ao conservadorismo. “Tenho vivido na sociedade toda a minha vida e chamaram-me tudo, menos filho de Deus. Como a dita sociedade é um monte de pessoas velhas com dinheiro, isso mascara-se nelas e afasta-as do mundo. Querem que toda a gente faça como elas têm feito ao longo dos anos.”

Nos anos e décadas seguintes, continuou a ser homem entre dois pólos. Em meados dos anos 70, depois de anos de excessos, viciado em cocaína, voltou-se novamente para a vida religiosa. Assim continuou, entre o profano e o sagrado, até se decidir definitivamente pela Igreja já neste século. Agiu da mesma forma em relação à sua sexualidade, ora proclamando a sua homossexualidade, ora criticando-a como um desvio dos designios de Deus, ora definindo-se como “omnissexual”.

Em 2009, uma operação à anca remeteu-o, durante os concertos, ao banco do piano. Já não podia saltar sobre o instrumento e correr pelo palco – pedia então desculpa por “não conseguir fazer” aquilo, o rock’n’roll, entenda-se, “como deve ser feito”. Mas continuava. Sem a poupa de outrora e remetido à cadeira, mas todo ele brilhando nos seus fatos cintilantes e com voz ainda segura para agarrar aquele “*a wop bob alu bob a wop bam boom*” fundador, o grito sem palavras que originou uma maravilhosa revolução, o Evangelho segundo Little Richard.

mario.lopes@publico.pt



A Escola Nacional de Saúde Pública e o PÚBLICO juntam-se para comemorar a Semana Europeia de Saúde Pública que, em 2020, é dedicada ao tema **Covid-19: Colaboração, Coordenação e Comunicação**



TEODORO BRIZ 2020

# SEMANA EUROPEIA DA SAÚDE PÚBLICA

Esta é uma iniciativa da European Public Health Association (Eupha), com o apoio da Organização Mundial de Saúde. No contexto da actual pandemia, nunca foi tão importante promover a Saúde Pública, e, por isso, em cada dia da semana o PÚBLICO editará um texto dedicado a um subtema específico:

**2.ª FEIRA 11 MAIO**  
**Promover a saúde através dos Global Goals**  
Carla Nunes

**3.ª FEIRA 12 MAIO**  
**Cuidados de saúde primários na era digital**  
Rui Santana

**4.ª FEIRA 13 MAIO**  
**Juntos pela saúde mental**  
Teresa Maia

**5.ª FEIRA 14 MAIO**  
**Igualdade na saúde para todos**  
Joana Alves

**6.ª FEIRA 15 MAIO**  
**Envelhecer com saúde**  
José Luís Telles

**13-14H30**  
**Webinar através da plataforma Zoom aberto aos leitores do PÚBLICO**

Com a presença de todos os autores  
**MODERAÇÃO:** Andreia Sanches, editora executiva do PÚBLICO

# Khalifa Haftar intensifica ataques contra Trípoli

Aeroporto foi o último alvo, após artilharia chegar perto das representações diplomáticas de Itália e Turquia na cidade. Marechal desentende-se com um dos principais aliados. Presença de mercenários aumenta

**Líbia**  
**Maria João Guimarães**

O Exército Nacional Líbio, do marechal Khalifa Haftar, intensificou os ataques a Trípoli, depois de a sua ofensiva na capital líbia esbarrar com dificuldades sobretudo por causa da maior intervenção de forças turcas a favor do Governo reconhecido internacionalmente de Fayez al-Sarraj, e após uma recente divisão no seu próprio movimento.

Nos últimos dias registaram-se ataques renovados na capital, um deles ao aeroporto de Mitiga, o único a funcionar na Líbia, com tanques de combustível e aviões de passageiros atingidos, segundo o Ministério dos Transportes. Também Itália e Turquia disseram que houve ataques perto das suas embaixadas na quinta-feira, culpando as forças de Haftar. Itália disse que do ataque, perto da residência do embaixador, resultaram dois mortos, o que levou a uma condenação por parte da União Europeia. Bruxelas atribuiu a operação às forças de Haftar, estas recusaram ter disparado contra estes locais.

Também houve um ataque perto do porto de Trípoli, onde as Nações Unidas suspenderam uma operação de desembarque de migrantes resgatados de barcos no mar e que tentavam chegar à Europa.

Segundo a ONU, cerca de quatro quintos das 130 vítimas civis do primeiro trimestre do ano na Líbia foram resultado de ataques de Haftar, que há um ano leva a cabo uma ofensiva para tentar capturar a capital do executivo de Sarraj. Este número de vítimas é um aumento de 45% em relação ao mesmo período de 2019.

Haftar, que domina o Leste do país, é apoiado pela Rússia, que tem enviado mercenários – segundo um relatório confidencial a que a agência Reuters teve acesso, o russo Wagner Group tem entre 800 e 1200 operacionais na Líbia. O marechal é ainda apoiado pelo Egipto, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita.

Nas últimas semanas, o avanço de Haftar para a capital tem sido travado pela maior presença de forças turcas em apoio do Governo de Trípoli, que



**Khalifa Haftar não quer um acordo entre as facções e diz que aceita “um mandato popular” para governar a Líbia**

controla ainda grande parte do Oeste do país, e que tem levado a uma retirada das forças do Exército Nacional Líbio.

Neste cenário, o papel dos Estados Unidos tem sido pouco claro. Depois de no ano passado o Presidente Donald Trump ter telefonado a Haftar, o que foi visto como um potencial sinal de apoio, Washington tem feito,

**Já morreram este ano 130 pessoas no conflito líbio, um aumento de 45% em relação ao ano passado**

e repetido, apelos a ambas as partes em guerra para um abrandamento de tensão. Esta semana, um responsável do gabinete de Médio Oriente do Departamento de Estado dos EUA, Henry Rooster, declarou que “os EUA não apoiam a ofensiva de Haftar” e referiu-se a “um desenvolvimento preocupante”, que é “o estabelecimento de chamadas relações diplomáticas entre Haftar e o regime [sírio] de Assad, que é parte da questão dos mercenários sírios”.

Várias tentativas de acordos entre as duas facções, incluindo numa reunião em Berlim em Janeiro, têm falhado. O país está efectivamente dividido desde 2014.

Mas há notícias sobre um desentendimento entre Haftar e um dos seus

aliados políticos, Aguila Saleh, líder da Câmara dos Representantes em Tobruk, a capital do Leste.

Saleh anunciara um plano que se preparava para apresentar às Nações Unidas e que previa um Conselho Presidencial que representaria três regiões históricas da Líbia. Um governo, nomeado, seria independente deste conselho.

Mas pouco depois Haftar pareceu recusar a iniciativa do aliado e numa intervenção televisiva declarou o fim do acordo entre as duas facções líbias assinado em 2015, a frágil base das instituições no país, e declarou que “aceitava um mandato popular” para governar a Líbia.

Após o discurso, nova reviravolta: Haftar disse que suspendia as activi-

dades militares e pediu uma trégua humanitária (o que foi visto, diz o diário britânico *The Guardian*, como um reconhecimento de que terá passado dos limites: nas semanas anteriores, as suas forças responderam a uma série de reveses militares com ataques indiscriminados, atingindo várias vezes hospitais). O Governo de Sarraj recusou a trégua, e nos últimos dias, os ataques aumentaram de novo.

O desentendimento entre Saleh e Haftar não é o primeiro, e, segundo uma análise no jornal egípcio *Al-Ahram*, os dois estão a competir por cargos relevantes que possam sair do processo político mediado pelas Nações Unidas.

# # Receba as suas colecções em casa

A crise que vivemos obriga a que estejamos mais atentos do que nunca à nossa protecção e à de quem nos rodeia. Apesar de o PÚBLICO continuar a distribuir as suas colecções em banca, lembramos que poderá fazer as suas compras na loja *online*, recebendo os seus produtos favoritos em casa, sem correr riscos.

Tem questões? Contacte-nos para [coleccoes@publico.pt](mailto:coleccoes@publico.pt) ou para 808 200 095/210 111 020

## # Sugestões para ler



**Livro Batman**  
O Último Cavaleiro da Terra  
Pré-venda 24,90€ **22,41€**  
Portes grátis até 15 de Maio



**30 anos**  
fotografia Público  
19,95€



**Col. Blueberry**  
79€ **71,10€**

## # Sugestões para saborear



**n.3 Beepure BIO**  
BEESWEET  
4,50€



**Azeite com Ouro**  
MESTRE GOURMET  
12,50€



**Conjunto Especial de Chá**  
INFUSÕES COM HISTÓRIA  
56,99€  
Portes grátis

## # Sugestões para ouvir



**Col. Cantes**  
27,80€ **25,02€**



**Col. Morna**  
39,50€ **35,55€**

## # Sugestões para ver



**Col. Grande Arte no Cinema**  
95€ **85,50€**

## # Sugestões para cuidar



**Sabonete alecrim**  
OLIVAE  
4,15€



# DESPORTO

## Israel tira o futebol do *bunker* mas o título parece entregue

Diogo Verdasca e Miguel Vítor, dois centrais portugueses, contam como viveram os últimos tempos de confinamento na Terra Santa, ainda sem certezas quanto ao futuro. A competição irá arrancar no dia 30

**Futebol**  
Augusto Bernardino

Mais perto do fim de um impasse governativo e do reatamento do campeonato, Israel prepara-se para tirar o futebol do *bunker* a que o novo coronavírus o confinou. O regresso está marcado para 30 de Maio, com desfecho previsto para 7 ou 8 de Julho – para além da final da Taça, a encerrar a temporada a 12. Tudo com jogos de três em três dias, numa altura em que as temperaturas elevadas configuram um novo nível de tortura para jogadores como os portugueses Diogo Verdasca e Miguel Vítor, já sem hipóteses de discutirem o título.

Com o ministro da Saúde (infectado) alegadamente de saída, apesar de os números oficiais – cerca de 16.500 infectados e 245 vítimas mortais – indiciarem políticas de contenção eficazes, Israel alivia as medidas de confinamento, com o futebol pronto para as decisões, após perto de dois meses de paragem.

Sem a interrupção provocada pela pandemia, o campeonato cumpriria este fim-de-semana a sétima de dez rondas do *play-off* que nem chegou a iniciar-se e a questão do título estaria, à partida, resolvida, com o favorito Maccabi Tel Aviv a esgrimir argumentos com o Maccabi Haifa.

“No início de Março, depois dos quartos-de-final da taça, tinha programado viajar para Portugal, aproveitando a paragem das selecções. Mas o Governo, que já em Fevereiro tinha admitido encerrar as fronteiras, obrigou-me a cancelar todos os planos”, conta ao PÚBLICO Diogo Verdasca, um dos seis portugueses que actuam em Israel.

O defesa-central do Beitar de Jerusalém – terceiro classificado, a 15 pontos do líder e campeão em título Maccabi Tel Aviv –, formado no FC Porto, de onde saiu com 20 anos rumo ao Saragoza, foi dos primeiros a experimentar a sensação de regressar ao trabalho, após mais de mês e meio de isolamento, em que, literalmente, não saiu de casa.

Num outro nível de confinamento, menos espartano, patrocinado pelas condições de um condomínio fecha-



Miguel Vítor cumpre a quarta temporada em Israel, sempre ao serviço do Hapoel Be'er Sheva

do que funciona como uma pequena vila auto-suficiente, Miguel Vítor, igualmente defesa-central luso – já com quatro anos e dois títulos em Israel –, aproveitou a paragem para manter a forma, numa altura em que o Hapoel Be'er Sheva (quarto classificado) foi colocado à venda.

Verdasca conta, com uma pontinha de orgulho, como sobreviveu – juntamente com a companheira – à provação e angústia, conseguindo a proeza de perder dois quilos. “Quando tudo começou, fomos aconselhados a abastecer a despensa para dois meses. Fizemos as compras e congelámos dez *tupperwares* de sopa. A nossa alimentação acaba por ser simples, pois é preciso respeitar a ‘dieta’

de atleta e evitar muitas coisas não essenciais”, explica, historiando o processo de treino, que começou com as famosas sessões em “zoom”, até ser levantado o confinamento.

“O primeiro treino foi logo no relvado. Como metade do plantel vive em Jerusalém e outra metade em Tel Aviv, essa sessão ainda foi separada. Cada grupo na respectiva cidade. Depois começámos aos pares, com horários distintos, passando para pequenos grupos de quatro e depois de dez, cada um numa metade do campo, respeitando a distância de segurança”, sublinha.

Não houve rastreio no regresso, até porque todos estiveram de quarentena. “Medimos a temperatura, usamos

telemóveis. As autoridades acedem a todos os dados, o que explica os números de Israel, cuja reacção à pandemia foi imediata, cancelando voos, encerrando fronteiras e adoptando medidas de confinamento”, descreve.

“Normalmente, temos três semanas de férias. Nesta altura estamos sem competir há dois meses e a componente física acaba por pesar quando é preciso estar apto para fazer 90 minutos. Quando passarmos à fase de contacto físico, a exigência será maior. Correr é muito diferente de jogar futebol”, anota, preparado para essa nova etapa, já a partir de hoje.

Inicialmente, a equipa técnica elaborou um plano de treino que cada atleta cumpriu separadamente, até ao regresso ao relvado. “O reencontro fez-se em grupos de dez, sem testes ao coronavírus, até porque o Governo defendia, nessa fase, que não fazia sentido testar pessoas assintomáticas quando os *kits* eram limitados”, sintetiza, num misto de alívio e apreensão, que vai para além das questões de saúde, já que o Hapoel Be'er Sheva deverá trocar de dono caso a ainda proprietária leve avante a intenção de vender o clube.

“Tenho mais uma época de contrato, mas a incerteza é grande. A dona do clube propôs uma redução de 30% do vencimento durante 15 meses, o que nos pareceu precipitado. O lógico seria uma redução até final da época. A recusa da equipa, que recorreu a um advogado, motivou uma reacção mais dura da dona do clube. Desiludida, anunciou que colocaria o clube à venda”, expõe Miguel Vítor, ainda um pouco surpreso com a posição da empresária Alona Barkat, de 50 anos, licenciada em História do Médio Oriente e a primeira mulher a liderar um clube em Israel, tendo assumido o Be'er Sheva em 2007, na II divisão.

“Para além de todos os constrangimentos, jogar nesta altura implica um desgaste ainda maior, provocado pela subida das temperaturas. Nestas condições é ainda mais difícil atingirmos os níveis anteriores”, avalia o central, num tempo de incerteza que espera ver dissipada o mais breve possível.

augusto.bernardino@publico.pt



MANUEL BRUQUE/EPA

O traçado inicial da Vuelta já foi encurtado de 21 para 18 etapas

## A Volta a Espanha de 2020 já não vai passar por Portugal

### Ciclismo

**Imprevisibilidade gerada pela pandemia de covid-19 ditou decisão de cancelar as etapas previstas para Porto, Matosinhos e Viseu**

As etapas da Volta a Espanha em bicicleta que iam passar por Portugal foram canceladas. O anúncio foi feito ontem pelos municípios que faziam parte do traçado, justificando a decisão com o clima de indefinição que se vive, mas mantendo as portas abertas a uma nova “tentativa” nas próximas edições.

“As autarquias de Porto, Matosinhos e Viseu e a Unipublic, a organizadora da Vuelta 2020, anunciam que, atendendo à imprevisibilidade da pandemia da covid-19 e às alterações impostas pelo calendário internacional de ciclismo, está cancelada a vinda da Volta a Espanha a Portugal”, lê-se num comunicado.

Assim, não se realizará em Portugal a etapa cuja chegada estava prevista para o Porto e Matosinhos, nem a tirada que se iria iniciar em Viseu. “Para as três cidades e para a Unipublic, só faria sentido a Vuel-

ta visitar Portugal num clima de festa e segurança que não será possível garantir em 2020”, acrescenta a nota das autarquias.

Fica, deste modo, adiado o regresso da Volta a Espanha a território português, depois de ter começado em Lisboa em 1997, com uma ligação ao Autódromo do Estoril. Seguiu-se a ligação de Évora a Vilamoura, com a despedida de Portugal a acontecer na terceira etapa, que começou em Loulé e terminou em Huelva.

A organização da Volta a Espanha também confirmou que chegou a acordo com as autarquias e que a edição deste ano da competição não vai passar por Portugal. “Isto significa que a 15.<sup>a</sup> etapa, que tinha o seu fim entre o Porto e Matosinhos, bem como a 16.<sup>a</sup> etapa, com a sua partida de Viseu, vão ter os seus itinerários alterados. As alternativas para substituir Porto, Matosinhos e Viseu já foram aprovadas”, explica a Unipublic, salientando que as novas etapas serão anunciadas nas próximas semanas.

### Abertura para o regresso

A edição de 2020 da Vuelta já tinha sido encurtada para 18 etapas, depois de ter sido cancelada a partida dos Países Baixos, devido à pan-

demia de covid-19, bem como outras duas etapas, em Utrecht e Brabante do Norte.

Javier Guillén, director-geral da prova, explicou que a possibilidade de serem introduzidas alterações no traçado sempre esteve em cima da mesa: “Já tínhamos dito, depois de conhecermos as datas da prova, que os traçados podiam mudar. Estávamos a referir-nos à etapa do Porto e acordámos que a corrida este ano não vai passar por aquela cidade maravilhosa”, afirmou.

“O Porto expressou algumas dúvidas sobre a covid-19 e não puderam confirmar a sua disponibilidade. Então acordámos que, se não fosse este ano, nos reuniríamos para os próximos, e não apenas com o Porto, mas com as outras cidades portuguesas”, acrescentou, assumindo que não são esperadas mais mudanças nas 18 etapas que compõem a edição deste ano da Volta a Espanha, uma das três “grandes” do calendário velocipedico.

O evento estava inicialmente previsto para o período entre 14 de Agosto e 6 de Setembro, mas acabou por ser adiado para a janela temporal que medeia entre 20 de Outubro a 8 de Novembro, com partida do País Basco. **Lusa**



### Breves

#### FC Porto

### Eleições para a direcção podem durar dois dias

As eleições para a direcção do FC Porto, cujo sorteio das listas foi ontem realizado, poderão não ficar concluídas em apenas um dia, como consequência das restrições impostas pelas medidas de combate à covid-19, tendo ficado em aberto a possibilidade de ocorrerem nos próximos dias 6 e 7 de Junho. O acto eleitoral, de acordo com o estabelecido pela mesa da assembleia geral do clube, juntamente com os representantes das três candidaturas, determinou a seguinte ordem: Pinto da Costa vai liderar a Lista A, Nuno Lobo a B e José Fernando Rio a C, para além da lista independente ao conselho superior (D).

#### Xadrez

### China vence fase regular da Taça das Nações online

A China, a Índia, os Estados Unidos e a Rússia participam numa prova *online* de xadrez, à qual se soma uma selecção europeia (sem Magnus Carlsen) e outra do resto do mundo. Disputada no sistema de todos contra todos a duas voltas, e com um ritmo de reflexão de 25 minutos, a competição teve a China como vencedora da fase regular, um sucesso que se deve à enorme superioridade das suas duas jogadoras femininas, a campeã mundial Ju Wenjun e a número um mundial, Hou Yifan, que regressou à actividade. Com o primeiro lugar desta fase já garantido, a China sofreu o seu único desaire na última ronda perante os EUA — um duelo que irá repetir-se na grande final prevista para hoje.

## Campeonato terá novo formato em 2020-21

### Hóquei em patins

**Campeão passa a ser encontrado através de um *play-off*. Haverá também uma nova prova de Inverno no calendário**

Enquanto não se define o formato que vai ser adoptado para as subidas e descidas de escalão, a Federação de Patinagem de Portugal (FPP) avançou com a reformulação do campeonato da I divisão de hóquei em patins. Na prática, em 2020-21 mantêm-se as mesmas 14 equipas em prova, mas o campeão será decidido através de um *play-off*. Para além disso, foi anunciada a criação de uma nova competição a realizar no fim da primeira volta.

Com os campeonatos dados como encerrados no final de Abril, sem que sejam coroados campeões, foi proposta a realização de uma “liguilha” para se proceder às promoções e despromoções, quer no acesso à I divisão, quer no acesso à II. Essa espécie de tira-teimas, que não tem ainda data concreta (embora se preveja que aconteça em Setembro), foi a solução preferida pela FPP para resolver o caos gerado pela paragem forçada pela pandemia de covid-19, em detrimento de um possível alargamento.

Contra essa ideia de um alargamento, valeu o argumento de que significaria mais jogos, mais deslocações, mais despesas num ano que se afigura difícil para as modalidades nacionais. Mas o novo modelo agora aprovado para a I divisão trará, à partida, um calendário ainda mais pesado para a maioria dos clubes. Isto porque os emblemas terão de completar a fase regular (26 jogos) e partir depois para um *play-off* de apuramento do campeão (no caso dos oito primeiros classificados, com decisões à melhor de três e de cinco jogos em função da fase da prova).

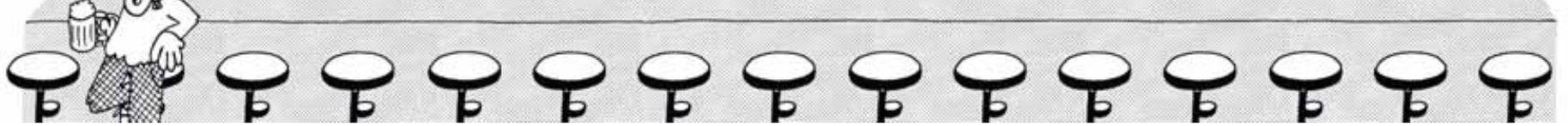
Acresce a este aumento o calendário da nova prova, que será uma espécie de troféu de Inverno. Ainda sem designação oficial, a competição anunciada pela FPP envolverá os oito primeiros da tabela no final da primeira volta do campeonato, devendo disputar-se em formato concentrado logo após a primeira metade da Liga.

# BARTOON LUÍS AFONSO

A PROIBIÇÃO DOS FESTIVAIS DE VERÃO ATÉ 30 DE SETEMBRO É UM BOCADO EXCESSIVA.



SEM DÚVIDA. ENTRA PELO OUTONO ADENTRO.



Cuis

## AESQUINA DO MUNDO

# Uma vaga para mudar o mundo



### Vicente Jorge Silva

Agora que, um pouco por toda a parte, começou o desconfinamento, a sensação de alívio ameaça confundir-se, cada vez mais, com a insegurança e o medo. Não é possível continuar em casa por tempo indefinido enquanto se assiste ao colapso da economia, ao aumento das desigualdades, da pobreza e do desemprego (que afectam as populações e regiões mais atingidas pela pandemia, como era relatado no PÚBLICO de ontem). Mas sair à rua e voltar à “normalidade” pode ter também consequências desastrosas no plano sanitário, com um crescendo de contágios e de mortes.

É perante esta escolha trágica que estamos hoje confrontados, a não ser que aproveitemos também a oportunidade para dar a volta ao mundo em que vivemos. Ou submetemo-nos à maldição – e às próximas vagas do vírus que

parecem inevitáveis – ou tentamos virar do avesso os constrangimentos que nos sufocam e arriscamos apostar finalmente em novos horizontes que fomos sucessivamente adiando (por conservadorismo, imobilismo, cinismo e até temor dos sacrifícios que nos serão exigidos).

Sim, a calamidade actual pode obrigar-nos a uma revolução das mentalidades – e esse encontro com o futuro não voltará a ocorrer no tempo das nossas vidas. O desafio sem precedentes do coronavírus fez-nos acordar para uma evidência implacável: o planeta em que vivemos tende a tornar-se cada vez mais inabitável, até do ponto de vista da sobrevivência das espécies e da natureza.

Não é decerto por acaso que se multiplicam hoje através do mundo as tomadas de posição, os alertas, os manifestos, mobilizando cidadãos das mais diversas áreas no sentido de não perdermos esta oportunidade histórica irrepitível para a nossa geração. Duas dessas iniciativas, infelizmente sem repercussões conhecidas em Portugal, vinham relatadas esta semana pelo *Le Monde* (um jornal que se tornou



ENNY NURAHEN/REUTERS

de leitura obrigatória nos dias que correm). A primeira, “100 princípios para um novo mundo”, era encabeçada pelo ex-ministro da Ecologia francês, Nicholas Hulot. A segunda, “Não a um regresso ao normal”, juntava alguns prémios Nobel a múltiplas personalidades das artes e do espectáculo, como Juliette Binoche, Robert De Niro, Jane Fonda, Barbra Streisand, Madonna, Almodóvar, Sting, Joaquin Phoenix, Julianne Moore, Bob Wilson ou Wim Wenders, entre muitas outras.

Neste manifesto destaca-se que “a catástrofe ecológica em curso releva de uma ‘metacrise’: a extinção maciça da vida sobre a Terra já não suscita dúvidas e todos os indicadores anunciam uma ameaça existencial directa (...) O consumismo conduziu-nos a negar a própria vida: a dos vegetais, a dos animais e a de um grande número de humanos. A poluição, o aquecimento e a destruição dos espaços naturais conduzem o mundo a um ponto de ruptura”.

Já nos 100 pontos enunciados

por Hulot, refere-se que “é tempo de apreender o conjunto das crises ecológicas, climáticas, sociais, económicas e sanitárias como uma única e mesma crise: uma crise do excesso”, fazendo com que a vida esteja “suspensa por um fio”. Daí que também tenha chegado o “tempo da sobriedade”, “de aprender a viver mais simplesmente”, “de nos libertarmos das adições consumistas”, de “viajar perto de nós”, de “distinguir o essencial do supérfluo”, de “admitir a complexidade”, de “sincronizar ciência e consciência”. Tal como “chegou o tempo da humildade”, da “indulgência”, da “empatia”, da “modéstia e da audácia”.

Palavras vãs, comentarão os cínicos, os instalados no poder dos privilégios, os que vivem indiferentes ou acomodados perante as desigualdades, a pobreza, a exclusão – e as forças que vão tecendo a teia da destruição do planeta. Mas a vaga que começa a levantar-se nestes tempos de crise sem precedentes pode emprestar a essas palavras a inspiração necessária para mudar o mundo.

Jornalista

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Totoloto 9 26 34 39 46 8

**P** Contribuinte n.º 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410 | 09E9B1B96-9A66-4AB4-9D70-BCC79B63EFAD | Angelo Paupério Vogais: Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral  
E-mail publico@publico.pt Estatuto Editorial publico.pt/nos/estatuto-editorial Lisboa Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa; Telef.: 21011000 (PPCA); Fax: Dir. Empresa 21011015; Dir. Editorial 21011006; Redacção 21011008; Publicidade 21011013/21011014 Porto Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º, 4050-318 Porto; Telef.: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção 226151099 / 226102213; Publicidade, Distribuição 226151011 Madeira Telef.: 963388260 e/ou 291639102 Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia. Capital Social €4.050.000,00. Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. Impressão Unipress, Travessa de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Telef.: 227537030; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, n.º 50- Morelena - 2715-029 Pêro Pinheiro Telef.: 219677450 Distribuição VASP - Distribuidora de Publicações, SA, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Aqualva Cacém, Telef.: 214 337 000 Fax : 214 337 009 e-mail: geral@vasp.pt Assinaturas 808200095 Tiragem média total de Abril 20.068 exemplares Membro da APCT

VISAPRESS®  
Direitos de Autor Protegidos

10973  
5 601073 016087

### ESCOLHA OS FACTOS. APOIE O PÚBLICO



Aponte para aqui a câmara ou aplicação do seu telefone e carregue no link que aparece

#### OU CONTACTE-NOS

publico.pt/assinaturas | assinaturas@publico.pt  
808 200 095 (DIAS ÚTEIS DAS 9H ÀS 18H)



A verdade  
faz-nos mais  
fortes

P

PUBLICIDADE